CATUMBI,

UM BAIRRO DO TEMPO DO IMPÉRIO

Mauro Matos

2005

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO
SECRETARIA ESPECIAL DE TURISMO

Mauro Matos,

Nascido no bairro do Catumbi em julho de 1973 ainda quando a cidade do Rio era governada pelo Estado da Guanabara, na época Chagas Freitas. Formado em Estatística pela UERJ com MBA em gestão pela qualidade total na UFF é um apaixonado pelo tema Rio Antigo.

Durante quatro anos pesquisou na literatura garimpando tudo que fosse relacionado ao Catumbi reunindo fotos e documentos pouco conhecidos do bairro. Locais como a Biblioteca Nacional, o Arquivo Geral da Cidade e o Gabinete Real Português foram consultados. Um dos momentos mais marcantes durante a pesquisa foi o achado da foto de Augusto Stahl, onde mostra o Catumbi de 1865. Esta imagem, pioneira na fotografia no Brasil, foi escolhida como capa do livro.

Ao final da publicação o leitor terá uma lista com as notas bibliográficas consultadas e numeradas conforme sua utilização. Boa leitura!

Rio de Janeiro

2005

Copyright © 2005, Mauro Agostinho Costa Matos

Todos os direitos reservados

Projeto gráfico e diagramação: Mauro Matos
Prefácio: Milton Teixeira
Capa: Flavio Bisanchet
Revisão: Fernando Magalhães e Padre Mario Prigol
Foto da capa: Augusto Stahl, 1865

REVISADO EM 25/SET/2010

Ilustração da capa: vista da rua Itapiru em 1865. Ao fundo vê-se o morro do Corcovado (sem o Cristo Redentor) e à direita, ainda sem o gradil, o Cemitério de S. Francisco de Paula no largo do Catumbi. Esta imagem, de Stahl, muito provavelmente é uma das primeiras fotografias registradas não só do bairro como da cidade do Rio.

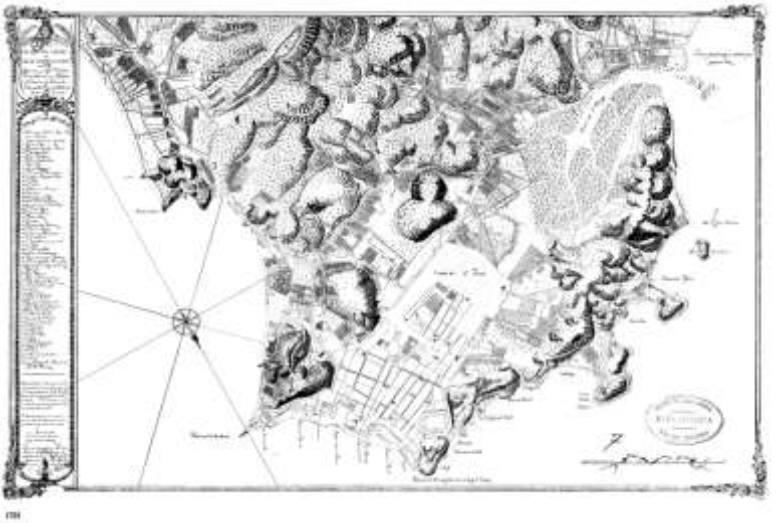
Rio de Janeiro, RJ
Prefeitura da Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro
Inclui índice e notas bibliográficas
Tiragem limitada
Tema: Rio Antigo

ISBN 343.137

Impresso no Brasil

Em homenagem ao 440º ano de aniversário

da Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro



(1565 – 2005)

Prefácio

A Coleção Patrimônio Turístico foi criada pela Prefeitura para estimular a pesquisa e divulgar o conhecimento sobre os elementos do nosso patrimônio artístico, cultura e arquitetônico que, oferecendo grande potencial para o turismo, são pouco conhecidos de nossos profissionais da área.

Esse novo volume da coleção foi selecionado por concurso público, ao qual se apresentaram 12 (doze) trabalhos. A obra de Mauro Matos foi selecionada pela qualidade da pesquisa e pelo ineditismo do tema.

Parabéns a Mauro e a todos aqueles que fazem do amor ao Rio sua profissão de fé.

Rubem Medina

Secretário Especial de Turismo

Sumário

Introdução 8
Catumbi, um bairro do tempo do Império 9
Evolução cartográfica do Catumbi desde 1769 15
Chafariz do Lagarto (1786) 22
Debret morou no Catumbi (1816) 26
Cemitério de São Francisco de Paula (1850) 27
Rua Catumbi (1850) e rua Itapiru (1875) 31
A Freguesia do Espírito Santo (1865) 33
Comunidade cigana do Catumbi 34
Capela de Nossa Senhora da Conceição (1886) 35
Fábrica da Brahma (1888) 36
As enchentes 37
O Rio Papa-Coves 39
Igreja Nossa Senhora da Salette (1914) 41
Educandário Nossa Senhora de Nazaré (1916) 45
Recenseamento de 1920 47
Escola municipal Estado Unidos (1929) 48
Catumbi, o berço do carnaval 49
Fábrica do Açúcar Brasil 50
Túnel Santa Bárbara (1963) 51
Memorial Djanira 52
Morro da coroa 53
O Processo de desapropriação (1967) 54
Túnel Frei Caneca Henrique Valadares (1969)..... 61
O Jornal "O Catumbi" (1971) 61
Conjunto habitacional Ferro de Engomar (1971) 63
Garagem da Comlurb (1984) 65
Passarela do samba, Sambódromo (1985) 66
Biblioteca comunitária do Catumbi (1988) 67
Crescimento desordenado 68
População 69
Atual vista aérea do Catumbi 70
Notas bibliográficas 71

Introdução

A idéia de escrever sobre o bairro do Catumbi surgiu em razão da ausência de uma literatura sobre a região do ponto de vista histórico, ou seja, um livro que pudesse reunir fotos e documentos pouco conhecidos desde do tempo do Império.

O trabalho de pesquisa foi intensivo por mais de 4 anos garimpando na literatura tudo que fosse relacionado ao Catumbi, de maneira que nos últimos meses esse material foi reunido e editado neste livro. O prefácio é do historiador e especialista em Rio Antigo Milton Teixeira.

Considerado um dos primeiros bairros da cidade do Rio de Janeiro desde a época imperial, antes existiam as freguesias, tem-se o registro que em 1791 foi construída uma ponte no Catumbi pelo mestre-de-obras Francisco de Oliveira.[1] O próprio cemitério São Francisco de Paula da Ordem Terceira foi inaugurado às pressas para conter a grande quantidade de óbitos provocados pela epidemia de febre amarela em 1850.[2]

O Catumbi do século XIX conhecido também como zona do agrião, nome de uma das chácaras existentes na região, foi considerado em sua origem subúrbio numa época de alagadiços. Na obra de Filho (1946), o historiador faz menção sobre a enorme chácara do Agrião pertencente a Dna. Maria do Amaral, onde foi aberta mais tarde a rua Souza Neves, próxima a rua Frei Caneca.

Várias vezes alteraram os limites do bairro diminuindo sua área. Nesta abordagem consideraremos pertinente ao Catumbi, a partir do chafariz do Lagarto, o largo do Catumbi, a rua Itapiru até o cruzamento com a rua Navarro e as encostas dos morros que o circundam: Paula Matos, Coroa, Mineira e Santos Rodrigues.

O livro "Catumbi um bairro do tempo do Império" é uma publicação inédita, pois conta a história colonial, imperial e republicana de uma região esquecida por sucessivos governantes e desconhecida por muitos apreciadores do tema Rio Antigo.

Mauro Matos,
mauroacm@gmail.com

Catumbi, um bairro do tempo do Império

O bairro do Catumbi situado próximo ao centro do Rio de Janeiro nasceu de um desmembramento de Santa Teresa tendo sido povoado por ricos proprietários de terras e escravos. Tratava-se de um rio que descia do bairro de Santa Teresa.[3]

Este rio chamado de Catumbi, mais tarde batizado dos Coqueiros, foi denominado de Iguaçu pelo Senado da Câmara e finalmente conhecido como Rio Comprido, tinha origem próxima ao morro do França, em Santa Teresa. Atravessava a rua de São Cristóvão sob a "ponte de pedra" tendo sua foz em São Diogo.[4]

Há pelo menos 240 anos surgia próximo da atual Praça XI a formação do bairro do Catumbi. Na literatura não há registros oficiais sobre o ano de sua origem. Entretanto, pode-se fundamentar que a fase embrionária do bairro surgiu por volta da década de 60 do século XVIII conforme pode ser verificado no mapa da cidade do Rio de Janeiro de 1769. Esta carta feita pelo engenheiro militar Francisco João Roscio, o arquiteto da Igreja da Candelária, aponta algumas edificações e os caminhos do Catumbi e do Mata Porcos, atuais ruas do Catumbi e Frei Caneca, respectivamente (ver mapa abaixo).

1769

Essa belíssima planta de 1769, detalhada, está no acervo do arquivo Histórico Ultramarino, em Lisboa; e foi reproduzida por Gilberto Ferrez em sua obra "as cidades do Salvador e Rio de Janeiro no Século XVIII. Rio de Janeiro", IHGB, 1963, ilustrado.

A região do atual Catumbi e arredores, antes de existirem, foram doados por Estácio de Sá aos padres Jesuítas e eles logo montaram engenhos e roças nestas terras.[5] Esta doação é comprovada na obra "O Rio de janeiro Setecentista", do historiador Nireu Cavalcanti, onde cita as coordenadas da primeira sesmaria da cidade do Rio.

"A sesmaria dos jesuítas se situava de uma água, que poderá estar desta cidade légua e meia, a qual chamamos Iguaçu (ou Catumbi[4]), do nascimento dela até onde entra na baía e ao longo dela, digo da baía, para a banda do noroeste, cortando ao direito, até uma tapera, que se chama Inahum".[6]

Pode-se dizer que com expulsão dos jesuítas das colônias portuguesas (em 1759) as terras por eles ocupadas na cidade do Rio foram passo a passo sendo povoadas dando origem aos bairros como Catumbi, Tijuca etc. É desta época o retalhamento das chácaras das regiões sul e norte da cidade do Rio. [103]

Na linguagem indígena Catumbi significa rio na sombra ou sombreado.[7] Entretanto, segundo Agenor Lopes de Oliveira, autor da Toponímia Carioca editado em 1935, o termo Catumbi seria uma corruptela (palavra que, por abuso, se escreve ou pronuncia erradamente) de catú-huú-ybyi, ou "atoleiro muito fundo", formado pelos elementos catú - "muito", huú - "lameiro, lodo, detritos" e ybyi - "oco, côncavo, seco".

O escritor Brasil Gerson, renomado historiador do Rio de Janeiro e famoso pelo livro Histórias das ruas do Rio, relata uma importante citação do naturalista austríaco João Emanuel Pohl que veio ao Brasil na comitiva da Imperatriz Leopoldina, e afirmava que o bairro do Catumbi era um dos lugares mais insalubres da cidade.

"Com o ar úmido que se origina em março, época dos aguaceiros, e que penetra na roupa e cobre de ferrugem os artigos de ferro e aço" – escrevia o austríaco na sua viagem traduzida por Teodoro Cabral e editada pelo INI – "é preciso ter cautela com os resfriados, especialmente no subúrbio de Catumbi no mangal de São Diogo". [8]

Em 1808, com a chegada da Família Real Portuguesa ao Brasil, a cidade do Rio recebeu inúmeros melhoramentos e houve um significativo crescimento demográfico. Nesta época a cidade contava com 60 mil habitantes, dos 40 mil eram escravos negros. Dessa forma, foi incentivado tanto o aumento do número de habitações quanto o aterro dos pântanos. Devido a essas medidas, foram criadas várias áreas de ocupação e abriram-se muitas ruas. Em direção ao norte, chegou-se ao Catumbi e a São Cristóvão.

"Sob o ponto de vista urbanístico a cidade ia sendo gradativamente saneada e melhorada. Em 1812, Francisco Xavier Pires, compra por 8:000$000 de réis, a Joaquim Viegas a chácara dos Coqueiros, no Catumbi. Retalhada, depois, deu origem a numerosas ruas." [9]

A chácara dos Coqueiros, uma das mais antigas da zona norte, deu origem a abertura do trecho inicial da rua dos Coqueiros e da Floresta, atual rua Padre Miguelinho (um dos chefes da revolução republicana e nativista de 1817). [10]

Malta, Augusto (1930)

Na foto acima mostra a rua Padre Miguelinho tendo ao fundo o cemitério de São Francisco de Paula em 1930. Com a desapropriação de 1967, metade destas

casas foram destruídas para dar lugar as avenidas que ligam ao túnel Santa Bárbara. À esquerda, tem-se uma venda, existente até hoje, da qual faz esquina com o beco do salgueiro.

Nesta época, o mangue, onde construíram mais tarde a Cidade Nova, foi aterrado até o Catumbi, este considerado uma das entradas (ou saídas) da cidade do Rio. O caminho subia pela rua Paula Matos onde existe hoje uma escadaria ligando a rua do Riachuelo (ver foto abaixo).

Matos, Mauro (2005)

Segue trecho da belíssima obra "Rio de Janeiro Imperial" de Adolfo Filho sobre o aterro do mangue: "Em 1852 teve início, por ordem da Câmara Municipal, o aterro do vasto mangue da Cidade Nova, situado entre o lugar chamado de Aterrado (onde foi até pouco a Praça 11 de Junho) e a casa de correção (ex-presídio da rua Frei Caneca). O serviço foi executado por sentenciados que, no primeiro ano de trabalho, ali despejaram 25.512 carroças de terras. Porém, o maior dos mangues era o que abrangia toda a vasta zona compreendida entre o citado Aterrado e o Retiro Saudoso, na zona litorânea. Tinha a direção da parte do atual canal do mangue fronteira à estação Barão de Mauá, mas a zona de espraiamento da águas era verdadeiramente colossal." [11]

Corte do mapa da cidade do Rio em 1831

O Caminho do Aterrado, antes região pantanosa, era um longo e estreito caminho de aterro construído para a passagem das carruagens do serviço Real que se dirigiam para a Quinta da Boa Vista."Muitos foram os caminhos e estradas que existiam na cidade. Em 1850 é procedida a abertura de uma estrada ligando o bairro do Catumbi com o do Rio Comprido" (era a estrada do Catumbi - antes existia o caminho do Catumby, que após 1875 passa a se chamar de rua Itapiru).[12]

"Nas freguesias de fora da cidade havia numerosas estradas. Assim, na de Inhaúma estavam entregues ao tráfego os Caminhos do Bonsucesso, de Catumbi, da Freguesia e dos Pilares, bem como as Estradas da Pedra de Inhaúma". [13]

Os terrenos firmes, secos e férteis ou os de encosta estavam ocupados pelas chácaras e quintas no Rio de Janeiro na primeira metade do século XIX. Os termos chácara e quinta que designam casa de campo em granja ou casa campestre não tem diferença em Portugal. Entretanto, no Rio de Janeiro do século XIX o termo quinta aplicou-se a propriedade rural de extensão quase ilimitada, por isso, houve muita poucas, como é o caso da Quinta da Boa Vista.[14]

No Catumbi existiam numerosas, extensas e viçosas chácaras. As mais importantes foram: a chácara do Agrião, pertencente a dona Maria do Amaral, onde foi aberta mais tarde a rua Souza Neves na Freguesia do Espírito Santo; das

Palmeiras de propriedade do Conselheiro Souza Fontes; a da família Navarro de Andrade; dos Coqueiros e a do Dr. Francisco Lopes da Cunha (Barão do Catumby). [15] O Barão do Catumby recebeu o título de nobreza conforme decreto imperial de 14 de agosto de 1872. Título de origem toponímia, tirado da região de mesmo nome, faleceu em 1874.[100]

Brasão de armas do Barão do Catumby criado em 1872.

Outras chácaras existentes no Catumbi deram origem a algumas ruas do bairro como a de João Silva Guimarães, dentro de cujos limites abriu a rua Emília Guimarães (sua mulher) em 1879; a do barão do Canindé (medido e político Paulino Franklin do Amaral) na qual surgiu a rua Carolina Reydner, nome de sua sogra; e a do desembargador Chichorro da Gama, onde ele mesmo abriu a rua do Chichorro, em cujo nº 13 foi fundado a primeira casa de escotismo no Brasil a 14 de junho de 1910. [16]

Ainda hoje, existe no Catumbi, a famosa chácara do Barão do Chichorro. Situada no final da rua Emília Guimarães, próxima as ruas Carolina Reidner e Chichorro, tem-se um portão de ferro com uma subida de escadas onde mais a frente pode ser apreciado um casarão de estilo colonial.[17] Esta casa do século XIX, de propriedade do antigo Barão do Chichorro, existe até hoje um porão onde eram aprisionados os escravos. Nesta cela feita de madeira e estuque tem uma corrente de ferro onde o escravo negro era preso para açoite.[18]

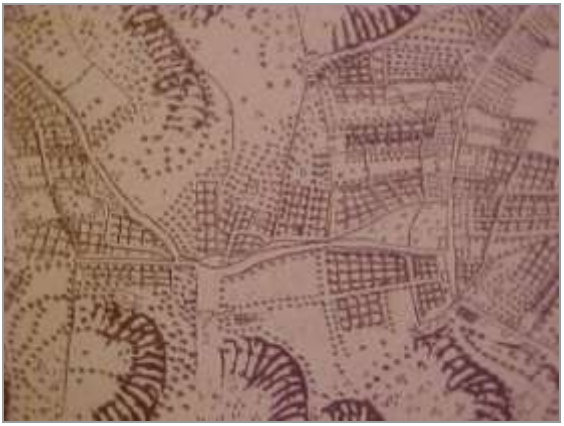
Evolução Cartográfica do Catumbi desde 1769

Uma seqüência de quatorze mapas da Biblioteca Nacional foi selecionada gentilmente pelo historiador Milton Teixeira para este livro identificando a região do Catumbi desde 1769. Os mapas mostram a evolução e a retração que o bairro sofreu com o passar dos anos.

A primeira carta deste acervo cartográfico, de 1769, já exposta no início, ilustra a formação do bairro ainda na época colonial (antes de 1822) sem o cemitério de São Francisco de Paula que viria 81 anos depois.

Para se orientar o leitor deve se apoiar partindo do princípio que a rua que aparece em curva no canto direito de todas as fotos é a antiga rua do Conde ou rua Mata Porcos, atual rua Frei Caneca. O arruamento deste caminho foi em 1794 sobre os aterros da lagoa da Sentinela. A rua de Catumbi, ou caminho de Catumbi, aparece em ângulo reto em relação à rua do Conde. Reparar, em várias plantas a citação do aqueduto, do qual só se conhece a iconografia registrada por Magalhães Corrêa.

A planta de 1791 mostra a região do Catumbi com muitas plantações. Esta área de servidão indica um caminho aberto, antes, pelos Jesuítas, que dará mais tarde origem as ruas do Catumbi e Itapiru.



1791

Na planta de 1808, conhecida também como planta Régia,[19] ano da chegada da Família Real ao Brasil, aparecem algumas casas isoladas no Catumbi. Com certeza, duas delas eram do Conde da Barca e do Duque de Palmela (D. Pedro de Sousa e Holstein)[102]. O Duque de Palmela, Ministro do Exterior na revolução liberal portuguesa destinada a recolonizar-nos, foi um dos homens mais finos e ilustres da Europa. Existe uma versão que ele teria vindo ao Rio para levar D. João VI a essas exigências das Cortes.[20]

1808

A carta de 1829 mostra um recuo da evolução urbana, com grandes áreas vazias. Praticamente só existiam casas na rua do Conde (rua Mata Porcos).

1829

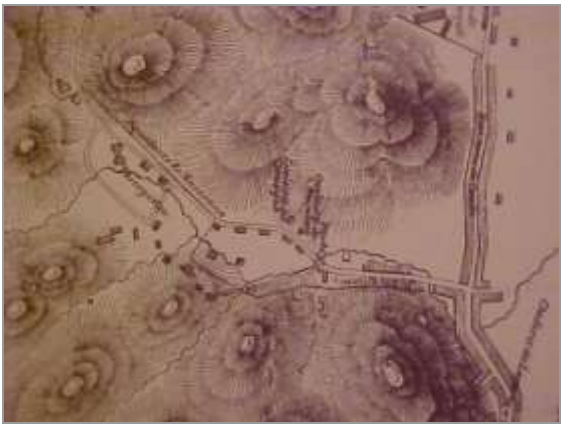
A planta de 1831 registra o caminho do Catumby (atuais ruas Itapiru e Catumbi) e quatro casas onde é propriamente o bairro. Pela posição geográfica de uma das casas (demarcada no mapa abaixo), uma parece ser a chácara do Barão do Chichorro, pois fica no final da rua Emília Guimarães, transversal a rua Catumbi. Este mapa registra o Catumbi na época do Império que vai de 1822 a 1889 com a proclamação da República.

1831

Na planta de 1843 mostra que as quatro casas no bairro foram reduzidas a duas. Neste ano o Imperador Dom Pedro II funda a cidade de Petrópolis

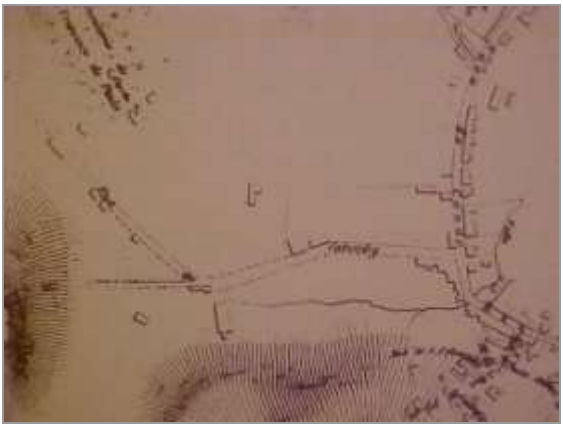
1843

A carta de 1850 registra o início do cemitério de São Francisco de Paula, o presídio e muitas casas ao longo das atuais ruas Itapiru e Catumbi.



1850

A carta de 1852 comprova a ocupação inicial do cemitério pelo fundo do terreno conforme foto de Stahl (1865). Esta planta se não está incompleta, mostra a retração do bairro. Possivelmente o cemitério e o presídio depreciaram o local. Segundo a dissertação de mestrado de Claudia Rodrigues onde comenta as transformações fúnebres da cidade do Rio (1995) os "...moradores do bairro do Catumbi, se recusavam a aceitar o cemitério próximo às suas casas". [21]



1852

A planta de 1864 registra o cemitério, o aqueduto na rua Itapiru, a casa de correção e muitas outras edificações.

1864

A carta de 1877 mostra o atual traçado urbano do bairro já definido pelos arruamentos secundários. Desde 1870, as linhas de bonde de tração animal começam a circular pelo Catumbi. [104] O bairro foi um dos primeiros a ter bonde de tração animal na cidade do Rio.

1877

A planta de 1890 mostra uma evolução urbana discriminando muitas ruas existentes no bairro com os seus respectivos nomes. Inclusive a atual rua Itapiru, registrada em 1875. Neste ano, a cidade do Rio alcançava 551 mil habitantes. [101]

1890

O mapa de 1904 mostra uma importante carta do antigo Distrito Federal impresso por F. Bevilacqua e publicada pela revista Kosmos. O interessante é o detalhamento do nome de todas as ruas do atual Catumbi. Nesta época a rua Dr. Agra ainda não tinha ligação com a rua Itapiru.

1904

A carta de 1906 foi feita durante o recenseamento.

1906

Finalmente a carta de 1914, de Carlos Aenishanslin. Este mapa mostra as vias abertas durante a reforma de Pereira Passos, ano da criação da paróquia de Nossa Senhora da Salette no Catumbi.

1914

Chafariz do Lagarto (1786)

O chafariz do Lagarto, localizado na encosta do morro Paula Mattos em frente ao Batalhão da Polícia Militar e próximo ao sambódromo, foi erguido em 1786 pelo famoso Mestre Valentim.

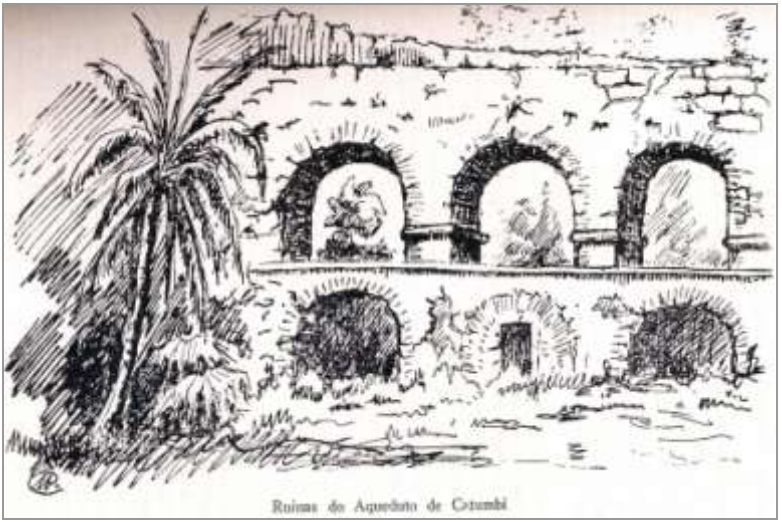
Este singelo monumento da era colonial foi construído no Governo do vice-rei D.Luís de Vasconcelos, com o objetivo de canalizar as águas do Rio Comprido. A fonte, que recebia água pelo aqueduto do Catumbi, foi instalada na rua Mata Porcos, atual rua Frei Caneca. Este aqueduto atravessava a rua Itapiru chegando até o morro Paula Mattos, hoje incorporado à Santa Teresa.[22]

O chafariz é composto por um tanque de cantaria limitado por duas pilastras encimadas por frontão curvo e simples, no qual, de um nicho raso, um lagarto jorrava água pelas mandíbulas. No centro do chafariz lê-se a inscrição em latim "Ao sedento povo, o Senado deu água em abundância. Ano 1786".[23]

Matos, Mauro (2004)

A fonte do Lagarto faz parte de um conjunto de treze obras construídas no Rio de Janeiro numa época em que a água potável era de difícil aquisição.

Veja abaixo um desenho do aqueduto do Catumbi, que abastecia os chafarizes da rua Frei Caneca realizado por Armando Magalhães Corrêa (1930).


Ruínas do Aqueduto de Catumbi

Para a historiadora de arte Anna Maria Monteiro de Carvalho, é a mais simples e menor obra civil de Mestre Valentim. A historiadora classifica a composição do chafariz como uma "conjunção de formas barrocas sob estrutura classicizante".

Na época de sua construção, o lagarto causou polêmica entre a população, que não entendia o porquê da escolha de um bicho "feio e maldito", que "representava a figura do demônio". Para Anna Maria Monteiro de Carvalho, a figura ambivalente do lagarto traduz o espírito de catalogação científica da época e brinca com o sentido dual do ser que habita o lodo - fusão da água com a terra.

Em 1848, o monumento foi restaurado por iniciativa do Ministro dos Negócios do Império, o Visconde de Macaé. Em maio de 1938, foi tombado pelo SPHAN. Mesmo assim, as obras realizadas para a reurbanização da Cidade Nova e do Catumbi atingiram parcialmente o chafariz, que ficou "perdido" entre montes de escombros oriundos da construção do elevado entre o túnel Santa Bárbara e o viaduto São Sebastião.

Em 1968, uma matéria publicada no jornal O Globo, intitulada "Em ruínas obra de Mestre Valentim", denunciou o estado de abandono que se encontrava

naquela ocasião o Chafariz do Lagarto. Segundo a matéria, o monumento era utilizado como depósito de lixo e como sanitário e dormitório para mendigos.

Em 1975, o lagarto de bronze foi roubado. Em seu lugar foi colocada uma cópia de ferro, um pouco maior. A fonte foi restaurada entre outubro de 1986 e abril de 1987. A bacia de cantaria foi recomposta. O monumento recebeu pintura nova e teve instalado um novo piso, com lajes de gnaisse. As paredes de alvenaria foram revestidas e a placa comemorativa de mármore foi limpa.

A foto abaixo mostra o lagarto de bronze original feito por mestre Valentim no final do século XVIII. Esta imagem foi publicada pela revista da Semana em 16 de março de 1935.

Esta importante obra, muitas das vezes desaparcebida pelos moradores, foi tombada pelo Patrimônio Histórico Nacional (IPHAN).

Uma curiosidade é que durante algum tempo correu na cidade uma lenda que o chafariz do lagarto era mal-assombrado. Isso se devia a alguém que se escondia no alto do paredão da fonte e atirava moedas de cem mil réis na bacia, atraindo as pessoas. O autor da brincadeira acabou preso.

Ao lado praticamente da fonte do lagarto existe outra fonte chamada Paulo Fernandez. Uma linda aquarela de Emeric Essex Vidal, de 1828, mostra o chafariz. Interessante é a descrição da Floresta da Tijuca ao fundo.

Esta fonte é descrita pelo historiador Filho: "O Príncipe Regente D. João, verificando o inconveniente que isso representava para os moradores daqueles lugares (a falta de água potável na cidade do Rio) e da parte urbana chamada de Cidade Nova, ordenou ao Intendente Geral de Polícia Paulo Fernandes Viana que fizesse conduzir as águas do rio Comprido, antes denominado Iguaçu, pelo aqueduto do Catumbi, até o chafariz de madeira que, construído na rua do Conde (Frei Caneca), foi chamado de Catumbi. Dali fêz-se uma calha de madeira, sustentada por cavaletes até o Campo de Santana, onde a 13 de maio de 1809, jorrava água pelas bicas do chafariz de madeira construído naquele lugar". [24]

2005

Debret morou no Catumbi (1816)

Em 1816, D. João VI trouxe para o Brasil o renomado francês Jean Baptiste Debret para registrar através de pinturas as novas transformações do Rio de Janeiro. Ninguém melhor do que Debret retratou o quotidiano da cidade permanecendo durante quinze anos na cidade do Rio. [25]

Debret, personagem de destaque da corte portuguesa, morou no Catumbi onde tinha atelier como pode ser visto numa discrição de suas próprias aquarelas.[26]

Na literatura não foi encontrada a rua onde Debret morou no Catumbi, apenas uma gravura externa da casa (foto abaixo à direita). [27]

Cemitério de São Francisco de Paula (1850)

Inaugurado em 19 de março de 1850 o cemitério de São Francisco de Paula ou cemitério do Catumbi, como é mais conhecido, foi o primeiro no Brasil construído a céu aberto destinado a não-indigentes.[28] Antes, somente religiosos e ricos eram sepultados nas criptas das igrejas.

Na época, devido ao efeito devastador das epidemias na cidade do Rio de Janeiro, principalmente da febre amarela foi construído com urgência o cemitério pela Ordem Terceira de São Francisco de Paula tendo aprovação do Império. O resumo histórico e ilustrado da Ordem atesta a compra do terreno que pertencia ao proprietário Dionísio Orioste tendo sido lavrada em cartório pela Irmandade aos 12 de maio de 1849. [29]

Stahl, Augusto (1865)

Na foto acima, de Augusto Stahl, mostra a rua Itapiru tendo ao fundo o morro do Corcovado em 1865. Vê-se à direita, ainda sem o gradil, o cemitério de São Francisco de Paula no Largo do Catumbi, local em que se encontravam as ruas da Floresta (depois padre Miguelinho), Coqueiros (que passa por trás da casa) e a do Catumbi. Nota-se que o cemitério começou a ser ocupado pelos fundos e pela parte mais alta do terreno. [30]

De fato, já no primeiro ano, foram sepultados cerca de 3 mil corpos provocados pela epidemia da febre amarela, além de 323 irmãos da Congregação como atesta os documentos da Ordem.

"Nessa ocasião (primeiro ano de funcionamento do Cemitério do Catumbi), os moradores, decidiram opor-se à continuação do cemitério que começava as primeiras grandes obras, a partir da construção da capela. Os proprietários circunvizinhos propuseram a compra do terreno. E como a Ordem recusasse qualquer proposta em tal sentido, apelaram à Câmara. A Ordem receosa do que pudesse ocorrer, suspendeu as obras e ofereceu aos legisladores as razões que justificaram a sua decisão favorável à continuidade do cemitério." [31]

Daí pra diante, foi possível introduzir sempre novos melhoramentos como o arruamento das quadras, o ajardinamento e a conclusão da escadaria que dá acesso à capela. Em 1897 acentuaram essas melhorias destacando-se a construção da capela definitiva, os muros e o niquelamento de todo o gradil e dos portões.

Malta, Augusto (1930)

Na foto acima mostra operários da limpeza pública trabalhando no cemitério do Catumbi aos 18 de fevereiro de 1930.

Segue trecho da obra “Rio de Janeiro Imperial" de Adolfo Filho sobre o hábito funerário existente na época:

"Os enterros realizavam-se ao cair da tarde ou mesmo noite fechada. Os defuntos pobres eram envolvidos em esteiras, colchas ou lençóis e transportados em rede. Os defuntos ricos ou remediados tinham direito a caixão e transporte em sege. (...) Naqueles tempos, o enterro de alguém era cerimônia à qual compareciam os moradores da cidade com um certo prazer... Ali se encontravam os amigos e inimigos do morto, contavam-se anedotas, falava-se mal da vida alheia, conversava-se em voz alta, exaltavam-se as qualidades do recém falecido ou desencava-se, de rijo, na sua pele ainda quente, e comentava-se a pobreza ou fortuna deixada pelo mesmo..." [32]

Bisanchet, Flavio (2004)

O cemitério de S. Francisco de Paula foi o mais utilizado pela nobreza do Império. Uma das pessoas mais importantes sepultadas foi o Duque de Caxias, Patrono do Exército Brasileiro, morto em 7 de maio de 1880. Veja o documentário do historiador Sérgio Buarque de Holanda sobre o engarrafamento de carruagens que ocorreu no enterro de Caxias:

"No dia seguinte, o corpo (de Caxias) é conduzido para o Rio de Janeiro, onde é enterrado no dia 10, no cemitério do Catumbi. Segue-se o cortejo fúnebre, uma fila tão grande de carruagens que, quando a primeira chegou ao cemitério do Catumbi, ainda havia carros que não tinham saído do palacete da Tijuca. É o maior enterro da época". [33]

Antonio Carlos de Oliva Maya (1949)

Translado dos restos mortais do Duque de Caxias do Cemitério do Catumbi ao Pantheon Nacional na Avenida Presidente Vargas em 25 de agosto de 1949. Vista da Rua Catumbi tendo ao fundo uma grande escolta militar e a igreja da Salette.

Outras pessoas ilustres foram sepultadas no cemitério o compositor do Hino Nacional o maestro Francisco Manoel da Silva, Catulo da paixão cearense, glória da poesia e da música popular, além de 77 barões, baronesas, viscondes e viscondessas. [34]

Rua Catumbi (1850) e Rua Itapiru (1875)

Segundo o historiador em Rio Antigo, Adolfo Filho, a trilha dos animais deu origem ao caminho que melhorado e nivelado recebeu o nome de estrada. Esta via, ainda rudimentar não era pavimentada tendo seu leito composto de terra ou saibro.

Pela cartográfica da Biblioteca Nacional exposta neste livro sabe-se que em 1791 já existia o caminho do Catumbi. Este caminho, em 1850, deu origem a rua Catumbi e a abertura da estrada de mesmo nome ligando o bairro ao Rio Comprido.[35]

Portanto, a rua Catumbi terminava na Estrada do Catumbi onde se formaria o largo que em 1886 principiou ergue-se a primeira capela do bairro dedicada a Nossa Senhora da Conceição.

Em 1875, a Estrada do Catumbi após a Guerra do Paraguai passou a ser chamada de rua Itapiru em homenagem a morte do Coronel Villagran Cabrita durante uma batalha na margem do rio Paraná onde se encontrava o forte de Itapiru. A mudança foi registrada na Câmara Municipal do Rio de Janeiro trocando o nome da Estrada do Catumbi para rua Itapiru comemorando o sucesso brasileiro na Guerra do Paraguai.[36]

Bisanchet, Flavio (2004)

Na seqüência temos duas imagens do mesmo trecho da Rua Itapiru (esquina com rua do Navarro), uma de 1929 e outra de 2004, onde mostram a evolução urbana do bairro.

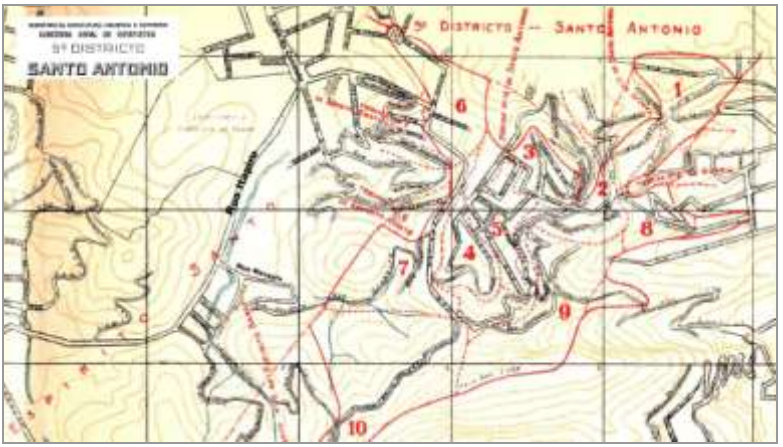
Malta, Augusto (1929)

Bisanchet, Flavio (2004)

A Freguesia do Espírito Santo (1865)

A cidade do Rio de Janeiro, nos seus primórdios, era dividida em freguesias que mais tarde passaram a abranger os territórios de jurisdição administrativa. A medida que a cidade crescia novas freguesias eram criadas por desdobramentos sucessivos, bem como por anexação de áreas da província do Estado, de modo que ao findar a Monarquia elas eram em número de 21 unidades.

Até 1914 o bairro do Catumbi pertenceu à freguesia do Divino Espírito Santo, criada em 1865 por D. Pedro II. Essa freguesia abrangia desde a Cidade Nova ao Rio Comprido sendo formada pelo desmembramento de terrenos de várias outras freguesias.



A melhor definição e explicação do termo freguesia pode ser encontrada na obra "As Freguesias do Rio Antigo" do historiador Noronha dos Santos. "A divisão territorial do então Município Neutro, nos tempos da Monarquia, compreendia um aspecto municipal, policial e religioso, que se entrosavam e se confundiam. Daí, portanto, o uso constante do termo freguesia para limitação de todos os atos administrativos ou religiosos. " [37]

Comunidade Cigana do Catumbi

Considerado um dos moradores mais antigos do bairro os ciganos de origem Calón vieram da Europa em busca de moradia conforme BRANDÃO, autor da tese da UFRJ "Os ciganos do Catumbi"

"(...) recém chegados encontravam no bairro do Catumbi um espaço amplo, próximo, de fácil moradia. O bairro acolheu em sua arquitetura vernacular, grupos de diferentes nacionalidades e etnias, dentre os quais, portugueses, açorianos, espanhóis, italianos e ciganos. Esses estrangeiros em busca de estabilidade e permanência encontraram a hospitalidade e a tolerância necessárias para uma co-existência harmoniosa no espaço público.

Os ciganos calons do bairro do Catumbi seriam uma exceção à regra de que cigano é um povo nômade. Muito bem assentados por cerca de 300 anos, como nos conta Dona Carlinda, esses ciganos além de serem alguns dos moradores mais antigos, como também são guardiões das tradições culturais do bairro, como, por exemplo, sentar-se em cadeiras na porta de casa para "tomar a fresca", no final da tarde".[38]

"A partir do meado do século XIX, eles acompanharam a expansão da cidade na direção ocidental, transferindo-se para a cidade Nova. Instalaram-se no Aterrado (atual Canal do Mangue) e nas ruas do Senado e Princesa dos Cajueiros." [39]

Os ciganos, moradores do Catumbi, tinham o hábito de o sentar-se na porta de suas casas para olhar o movimento e integrar-se com os moradores do bairro.

Capela de Nossa Senhora da Conceição (1886)

Em 1886, ergueu-se a primeira capela do bairro do Catumbi, dedicada a à Nossa Senhora da Conceição.[40] A igreja foi construída no terreno comprado por um grande número de fiéis na junção com as ruas Catumbi e Itapiru (número 5).

No local da capela, inaugurada em 1890, um grande largo, o do Catumbi, se formaria como descreve o historiador Brasil Gerson.

O decreto da desapropriação da igreja, após 73 anos de plena atividade, foi imposto pelo governador da Guanabara para construção do elevado que leva ao túnel Santa Bárbara e das obras de canalização do rio Papa-Coves.

Portanto, a igreja de Nossa Senhora da Conceição foi demolida em 1963 passando a funcionar à rua Dr. Agra Filho momentaneamente até o início da construção dos edifícios do BNH lá pelo ano de 1971. A partir desta data não teve mais condições de funcionar por causa das demolições naquela área.

Fábrica da Brahma (1888)

A instalação de indústrias como é o caso da fábrica da Brahma ocorreu a partir de meados do século XIX, beneficiada pelo acúmulo de capitais gerados não só pelo excedente da primeira fase da expansão cafeeira como pelas atividades exportadoras e também a existência de um proletariado concentrado na região da praça XI, formado por ex-escravos e imigrantes que se tornam operários de baixa qualificação.

As Enchentes

O Catumbi sofreu bastante com as enchentes o que pode visto no livro de Clarisse Nunes (1996), em que comenta sobre o espaço urbano do bairro em 1910.

"Enquanto alguns locais da cidade tinham suas ruas principais asfaltadas ou pavimentadas com pedras, noutros não havia calçamento ou iluminação. No Catumbi e no Rio Comprido, as enchentes eram espetaculares em certas épocas do ano." [41]

O próprio historiador Brasil Gerson afirma que: "desde 1914 as enchentes ainda perseguiam Catumbi (...)".

Carlos Heitor Cony, renomado escritor do jornal O Globo, relata sua vida descrevendo um cenário de fundo onde o prefeito promete acabar com as enchentes do Catumbi.

Fotos de Brescia, Italo

Dessa forma, fica evidente o quanto as chuvas castigavam o bairro, só melhorando com a canalização do rio Papa-Coves na década de sessenta pelo Governo Carlos Lacerda

A foto abaixo mostra uma enchente na rua Catumbi na década de cinqüenta. Ao fundo vê-se a capela de Nossa Senhora da Conceição.

No ano de 1962, durante o Governo de Lacerda, foram canalizadas as águas pluviais abrindo no subsolo da rua Catumbi uma extensa e profunda galeria.[42] Esta obra foi considera a grande solução para enchentes que ocorriam no bairro.

O Rio Papa-Coves

O rio Papa-Coves, afluente do antigo rio Catumbi, provocava inúmeras enchentes causando a morte e imensos transtornos aos que habitavam a região, sendo motivo até de música de carnaval:

"Choveu, choveu, Catumbi encheu !"

No Governo de Lacerda (1960-64), o rio Papa-Coves foi canalizado sob as ruas Coqueiro, Dr Agra e Catumbi, recebendo estrutura de concreto, e fechado em forma de galeria até o canal do mangue (antigo mangue).

1929

Atualmente, só podemos ver o rio Papa-Coves num pequeno trecho que fica na rua Dr. Agra, no estacionamento da escola Nossa Senhora de Nazaré. (ver segunda foto na página seguinte).

As fotos abaixo ilustram dois momentos do rio Papa-Couve no trecho do colégio Nazaré fundo com a escola Estada Unidos: 1930 e 2004. A única referência existente é a mureta baixa encimado mais tarde pelo muro.

1930

Matos, Mauro (2004)

2004

Igreja de Nossa Senhora da Salette (1914)

Em 1914, no Catumbi foi iniciado pelos padres Salesianos o culto à Virgem Santíssima construindo a paróquia de Nossa Senhora da Salette. No início, os padres ocuparam um casarão de cômodos e uma capela provisória, onde no local seria construída a igreja da Salette em 1918.[43]

O projeto da igreja de estilo Neo-Gótico foi realizado pelo padre-arquiteto francês Clemente Moussier. Esta arquitetura possui aspecto imponente, em parte por estar ainda cercada de edifícios baixos, o que lhe dá grande relevo. Na época, duas pequenas casas foram então adquiridas por 96 contos de réis à prazo a José Antônio de Mendonça, o qual, depois de algum tempo, desistiu da cobrança e fez a doação à igreja. Mendonça depois também doaria os sinos da torre.[44]

O lançamento da pedra fundamental foi inaugurado em 20 de janeiro de 1918 com missa cantada a céu aberto pelo Cardeal Joaquim Arcoverde (ver foto abaixo). Numa cavidade da pedra angular foi posta uma urna com a ata da cerimônia, jornais do dia do Rio de Janeiro, diversas moedas e a lista dos benfeitores. O Cardeal Arcoverde procedeu à benção e a deposição da pedra, segundo o ritual, servindo-se para tanto, de um martelo de prata [45]

Acervo da Igreja da Salette (1918)

Padre Moussier (primeiro pároco e projetor da igreja da Salette) faleceu em 1919, vítima do esgotamento físico devido a luta que travou contra a gripe espanhola, atingindo fortemente a população do bairro.[46] Nesta época chegou-se a morrer num único dia 890 pessoas na cidade do Rio.[47] Durante a epidemia, padre Moussier se dedicou de tal forma ao atendimento aos doentes e moribundos que ao morrer compareceram ao seu velório mais de 5 mil pessoas tomando por completo a Rua Catumbi, o largo e o cemitério. O corpo do padre foi sepultado no cemitério do Catumbi e 40 anos depois, em 1959, foi exumado e deposto numa urna colocada na entrada da igreja por ele construída.[48]

Acervo da Igreja da Salette (1929)

Para o historiador Milton Teixeira, a construção da igreja da Salette foi a tentativa da Igreja Católica conquistar fiéis numa região de intensa disputa pelas almas. Teixeira argumenta que com a abolição da escravatura em 1888 muitos negros foram para a região da Praça XI e arredores. Sabe-se que eles praticavam o culto aos orixás sendo local de intensa disputa religiosa. Próximo dali existia uma Igreja Batista, uma sinagoga e mais adiante a velha igreja de Santana, única aberta 24 horas por dia. Diante do fato, acrescenta que o Cardeal Arcoverde estava numa intensa campanha de recuperação do prestígio da Igreja Católica com a separação do Estado pela Constituição de 1891. É a época que se

instalaram na Tijuca grandes colégios religiosos e estabelece paróquias onde não existiam. Neste sentido a Ordem Salesiana que surgiu na França em meados do século XIX e visava dentre outras coisas combater o espiritismo, conforme os fundamentos da Ordem, constrói a igreja da Salette no Catumbi tendo como finalidade arrebanhar fiéis de volta a religião Católica contra a prática ao culto afro.

Entretanto, a história da paróquia de Nossa Senhora da Salette vai mais além do que arrebanhar fiéis para sua Igreja. Ela desempenhou um papel principal de nortear e ajudar as pessoas que tiveram suas casas desmoronadas com a grande desapropriação de 1967. Junto com o povo funda a primeira associação de moradores de bairro do Rio de Janeiro. Com isto salva do bota-abaixo pelo menos 1/3 das casas e habita quase 300 famílias junto com a associação. Evidentemente, foi uma luta de anos dos moradores, mas que tiveram a ajuda vital da Igreja.

Fotos de Bisanchet, Flavio (2004)

Recentemente, em 1996, o Cardeal D. Eugenio Sales visitou pela primeira vez a paróquia do Catumbi em comemoração a festa dos 150 anos da aparição de Nossa Senhora da Salette. Na ocasião foi lançado um selo comemorativo contando com a presença do cônsul da França, David Izzo.

Vista imponente da igreja de Nossa Senhora da Salette tendo ao fundo o Sambódromo e à esquerda a extinta fábrica da Brahma.

Educandário Nossa Senhora de Nazaré (1916)

No ano de 1916 a Congregação das Pequenas Irmãs da Divina Providência funda uma casa na rua Dr. Agra onde daria o funcionamento do orfanato Nossa Senhora de Nazaré passando a denominar Educandário no final da década de cinqüenta. [49]

Na época, o terreno pertencia ao falecido Monsenhor Simeão Nazaré que deixou um grande pecúlio à sua prima Balbina Maria dos Santos. O desejo de Simeão era instituir uma obra de proteção aos pobres em louvor a Nossa Senhora do Nazaré. Então, Balbina fez a doação à Congregação para estabelecer um asilo para meninas pobres e moradia para religiosas idosas.[50] A casa foi dirigida inicialmente pela irmã Camila Molinari, onde já construíra a capela provisória dedicada a Nossa Senhora de Nazaré.

Acervo do Educandário Nazaré

Em 1924 um prédio, em anexo, foi construído elevando à categoria da casa em Matriz da Congregação das Pequenas Irmãs da Divina Providência, no Brasil.

Um ano depois, em 1925, o altar mor da capela de Nossa Senhora do Nazaré foi solenemente sagrado. Durante a década de trinta a instituição prosperou aumentando o número de dormitórios e salas de aulas. Em 1935, o muro que fica em frente ao atual colégio foi erguido com o material fornecido pela prefeitura.

Em 1941, o orfanato foi aprovado por decreto como instituição de utilidade pública pelo Presidente Getúlio Vargas. Nestes primeiros 25 anos de existência foram assistidos e instruídos no asilo, 1488 alunos muitos dos quais, entrados em terna idade e permanecidos até sua maioridade conforme atesta os documentos da irmandade. [51]

O orfanato adaptando-se ao crescimento do bairro do Catumbi foi elevado a categoria de educandário em 1958.

Brescia (1979)

Matos (2005)

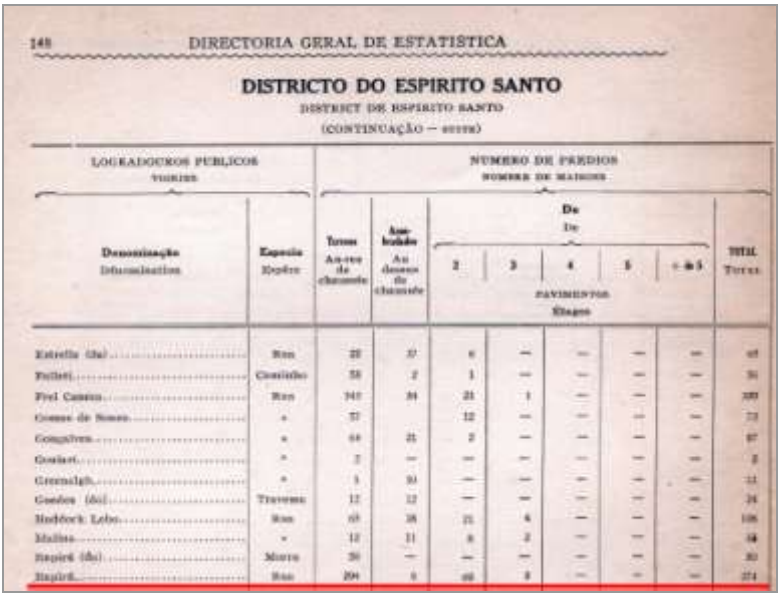
O Educandário Nossa Senhora de Nazaré junto com a escola São Miguel ajudaram na arborização do bairro plantando 45 mudas de arvores pelos alunos na rua Doutor Lagden, durante a semana da árvore em 1979 (ver foto acima). [52]

Recenseamento de 1920

Segundo o recenseamento de 1920 a cidade do Rio de Janeiro, na época Distrito Federal, tinha uma população de 1,1 milhões de habitantes.

Este levantamento demográfico se restringiu a verificar o número de habitantes dos 26 distritos e o número de edificações por logradouro da cidade. Nota-se que nesta publicação do Ministério da Agricultura, Industria e Comércio a não informação de habitantes por bairro.

Em 1920, o bairro do Catumbi situado no Distrito do Espírito Santo teria 1.753 das 8.011 edificações da região. Como a população do distrito era de 77.798 habitantes, temos como estimar proporcionalmente a população residente do Catumbi em 17 mil habitantes.



148 DIRECTORIA GERAL DE ESTATISTICA

DISTRICTO DO ESPIRITO SANTO

DISTRICT DE ESPIRITO SANTO

(CONTINUAÇÃO — SUITE)

LOGRADOUROS PUBLICOS VOIRIES		NUMERO DE PREDIOS NOMBRE DE MAISONS							
Denominação Dénomination	Especie Espèce	Terreos Au-rez de chaussée	Assoleados Au dessus de chaussée	De De 2	3	4	5	+ de 5	TOTAL Total
				PAVIMENTOS Étages					
Estrella (da)	Rua	28	37	6	—	—	—	—	65
Fulleti	Caminho	58	2	1	—	—	—	—	56
Frei Caneca	Rua	145	34	21	1	—	—	—	200
Gomes de Souza	»	57		12	—	—	—	—	73
Gonçalves	»	64	21	2	—	—	—	—	87
Goulart	»	2	—	—	—	—	—	—	2
Greenalgh	»	1	10	—	—	—	—	—	11
Gondon (do)	Travessa	12	12	—	—	—	—	—	24
Haddock Lobo	Rua	65	18	21	4	—	—	—	108
Malina	»	12	11	8	2	—	—	—	34
Itapiré (do)	Morro	30	—	—	—	—	—	—	30
Itapirú	Rua	204	6	60	8	—	—	—	274

Fonte: Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, Diretoria Geral de Estatística

Nesta época, a rua Itapiru, evidentemente pela sua extensão, já contava com 374 edificações sendo o logradouro de maior número de residências do bairro com uma estimativa de 3.632 habitantes (ver tabela acima).

Escola Municipal Estados Unidos (1929)

Uma das primeiras escolas públicas construídas do antigo Distrito Federal, o colégio Estados Unidos foi erguido na rua Itapiru, 453 pelos engenheiros Nereu de Sampaio e Gabriel Fernandes em 1929.

A escola é composta de 25 salas de aula de grandes dimensões e recebem mais de 1200 alunos, distribuídos do jardim-de-infância à oitava série, além de turmas de educação especial.

O prédio mistura elementos de estilo colonial brasileiro e hispânico. Embora a composição seja simétrica e divida em 3 corpos, externamente o movimento da fachada reproduz uma rua da antiga época colonial. Os frontões curvilíneos, as compoteiras no coroamento, a fonte barroca, as arcadas no térreo e a dupla colunata na varanda superior são os elementos que denunciam o estilo.

O pátio interno lembra a conformação de um claustro e possui uma parte coberta por telhado de telha colonial e belo madeiramento sem forro. A distribuição em torno do pátio interno arborizado contribui para a ventilação cruzada.

O estilo neocolonial adotado nesta escola é bastante próximo da linha "Mission Style", com o emprego de formas hispânicas que teria caracterizado o estilo das missões espanholas da América. Atualmente, a escola Estados Unidos é tombada pelo município.

Catumbi, o Berço do Carnaval

O bairro do Catumbi foi um reduto tradicional do samba carioca abrigando blocos de carnaval famosos da cidade do Rio. Um dos blocos mais importantes de sua história e que surgiu no Catumbi foi o bloco Bafo da Onça, fundado em 1956. Por essa época, o bairro já contava com outros blocos e ranchos que também desfilavam por suas ruas nos dias de carnaval. Podemos destacar o Rancho Carnavalesco União dos Caçadores, campeão de vários carnavais, o bloco Vai-Quem-Quer e o grupo dos Zapatas.

O modelo e a estrutura do funcionamento dos ranchos serviram de inspiração para o surgimento das escolas de samba em 1932, onde a Mangueira foi campeã do carnaval daquele ano.[53] Nesta época as escolas de samba eram pequenas agremiações e se apresentavam espontaneamente na praça XI e Catumbi. Entretanto, somente em 1962 é que ocorre o primeiro desfile das escolas de samba com arquibancadas na avenida Rio Branco, com 3.500 lugares.

Além dos blocos, o Catumbi teve uma figura marcante do samba. Morador do bairro e um dos personagens mais ilustres da história do samba, Moreira da Silva, mais conhecido como Kid Moreigueira, foi considerado o maior compositor e intérprete do samba-de-breque de todos os tempos. Tricampeão dos carnavais dos anos 30 gravou em 1995 o CD "Os 3 Malandros in Concert", em conjunto com Bezerra da Silva e Dicró, uma sátira dos 3 tenores italianos".

Tradição no bairro há cerca de 60 anos, o bar Mulambo, mais conhecido pelo bodinho que expõe na frente do boteco na rua Catumbi, atravessa gerações numa época de grandes blocos carnavalescos. Hoje, é possível alguém chegar no Mulambo, verdadeiro pé-sujo, e não encontrar nem água, nem refrigerantes. O forte da casa é mesmo a cerveja e as pingas. Seu Antonio Giardinieri, 64 anos e descendente de italiano, dirige o bar desde 1971.

Fábrica do Açúcar Brasil

A Refinaria Ramiro S.A. mais conhecida como a fábrica do açúcar Brasil funcionou na rua dos Coqueiros, no Catumbi, até a desapropriação em 1967.

O açúcar cristal, matéria-prima para a composição do açúcar, era transportado do Cais do Porto para o bairro do Catumbi. Segundo Ernani Rolla, 68 anos, gerente de cobrança da fábrica durante os anos de 1962 a 1965 relatou para esta literatura que o caminhão chegava pela rua dos Coqueiros, entrava na fábrica, descarregava a matéria-prima e saía pela rua Padre Miguelinho. O açúcar era refinado e vendido com a marca Açúcar Brasil.

Alguns anos antes da desapropriação, a empresa Açúcar Pérola comprou a fábrica do Açúcar Brasil que tinha cerca de 50 funcionários em 1963. Apesar da compra a marca Açúcar Brasil persistiu por alguns anos.

Hoje, somente a chaminé da fábrica resiste ao tempo e pode ser vista do largo do Catumbi, uns 200 metros na saída do túnel Santa Bárbara..

Bisanchet, Flavio (2004)

Túnel Santa Bárbara (1963)

A idéia da construção do túnel Santa Bárbara surgiu ainda quando circulavam os bondes no bairro do Catumbi em 1947. Entretanto, o projeto foi abandonado por 14 anos tendo sido retomado em 1961 A perfuração do túnel permitiria uma grande movimentação de pessoas entre a zona sul e norte da cidade.

Em fins de 1963 foram inaugurados o túnel Santa Bárbara e a galeria de esgoto da rua Catumbi com uma profundidade de 1,8 metro por 2,5 metros de largura..

Uma conseqüência direta desta ligação entre Catumbi e Laranjeiras foi a valorização dos terrenos com a exploração imobiliária.. Quatro anos depois, após a inauguração do túnel Santa Bárbara, o seguinte Governo do Estado da Guanabara, Negrão de Lima, demoliu grande parte das casas desapropriando 2/3 do bairro em 1967.

Bisanchet, Flavio (2004)

Tito Rosemberg, fotógrafo da revista Manchete, testemunhou para este livro sua experiência antes da inauguração do túnel Santa Bárbara. Tito relata surpreendentemente que andou pelo túnel de uma ponta à outra no pequeno espaço entre o teto e a pedra.

Memorial Djanira

No túnel Santa. Bárbara, no Catumbi que liga o bairro do Catumbi com Laranjeiras, existia uma capela com um painel composto de 5300 azulejos desenhado pela pintora Djanira da Mota e Silva.

O painel com 152m^2 retrata a imagem de Santa Bárbara numa homenagem aos 18 operários mortos decorrentes de uma explosão durante a perfuração do túnel entre os anos de 1961 a 1963.

Em 1985 o Vice-Governador Darcy Ribeiro determinou a retirada da obra, pois a mesma estava deteriorada com o tempo. O painel foi desmontado e enviado para restauração em São Paulo. Após ser reparado com cerâmica pintada ele foi vitrificado.

O painel retornou ao Rio de Janeiro em 1986 e encontra-se atualmente no Museu de Belas Artes.

Morro da Coroa

Localizado acima do túnel Santa. Bárbara e estendendo-se até os fundos da escola Estados Unidos, tem como vias de acesso a travessa Agra Filho e rua Navarro.

O nome do morro é uma referência a um antigo campo de futebol que existia na parte mais alta da comunidade ou como se dizia na "coroa" do morro. O campo, que não existe mais, foi construído em meados dos anos 30. Os mais antigos lembram que era comum marcar as partidas dizendo: "Vai ter futebol lá na coroa". O nome acabou pegando.

Com o crescimento da favela nos anos 40 e 50, a área de lazer cedeu lugar aos barracos dos novos moradores que chegavam principalmente do nordeste e de cidades do interior do Estado do Rio. E o campo da coroa acabou virando a favela da Coroa.

Há outra versão dizendo que o nome Coroa seria uma referência ao formato arredondado do morro na sua parte mais alta. As quatro regiões onde foram construídos os barracos mais antigos da favela seriam como os quatro vértices da coroa.

O Processo de Desapropriação (1967)

Dando continuidade às transformações ocorridas e iniciadas pela reforma de Pereira Passos no início do século XX sob o triplé saneamento, abertura de ruas e embelezamento em sinal da modernidade mencionada por LAMARÃO[54], estudioso do Rio Antigo e pesquisador do CPDOC da Fundação Getulio Vargas, o Catumbi estaria no foco da destruição.

Com a derrubada do morro do Castelo em 1920, onde se originou a cidade do Rio de Janeiro e dos vários quarteirões para construção da Avenida Presidente Vargas em 1945, não seria difícil imaginar o desaparecimento dos casarios simples do Catumbi em 1967.

No final da década de 60, o bairro do Catumbi passou por uma grande valorização dos terrenos pela proximidade do centro da cidade e principalmente pela facilidade de se chegar à zona sul através da recente abertura do túnel Santa Bárbara.

O jornalista. Millor Fernandes, da revista Veja, escreveu um artigo lembrando o relato da destruição do bairro:

"...mas nada me doeu tanto como uma madrugada em que entrei no túnel Santa Bárbara esperando sair naquele universo eterno do Catumbi e o Catumbi tinha literalmente desaparecido, destruído por uma guerra que não destruiu Colônia, nem Chartres, nem Praga, nem Nantes. A luta jurídica, pela desapropriação das casas do Catumbi, levou anos, mas a luta jurídica não se vê nas ruas, não tapa o sol, não expulsa o cidadão de sua cidadania, enquanto está nos foros. Mas quando a luta jurídica terminou - o Estado sempre ganha, o cidadão sempre perde, a justiça é cega mas tem muito tato - os moços botaram logo seus tratores na rua - a tecnologia de hoje compensa com sua rapidez todas as demoras burocráticas - e em meia hora destruíram o verdadeiro coração da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, transformando o Catumbi em mais um viaduto..." [55]

Entre janeiro de 1967 e meados de 1979, o bairro passou por um processo de desapropriação desumana onde o novo projeto urbanístico não contemplava naquela época os 30 mil moradores, segundo um dos padres que em seguida foi também pároco da igreja de Nossa Senhora da Salete, Mário Prigol. O povo simplesmente era despejado de suas casas, acrescenta o padre que mora no bairro desde 1961.[56]

A foto abaixo mostra padre Mario Prigol junto com Sylvio Cataldo (presidente da Associação) e alguns moradores do bairro em frente a igreja da Salette.

O Prefeito Negrão de Lima (1965-70) teria um plano pra acabar com todo o Catumbi, apesar do discurso de que ninguém sairia de suas casas por violência o que não aconteceu por completo.

Fotos de Brescia, Italo

Acima, dois momentos críticos: um dos padres da comunidade negociando com o Prefeito Negrão de Lima o fim desapropriação, no outro a comunidade do Catumbi em frente a Câmara dos deputados manifestando seus direitos.

Com a desapropriação de 1967 algumas ruas desapareceram por completo para dar lugar às vias de acesso ao túnel Santa Bárbara. As fotos abaixo ilustram dois momentos da rua dos Coqueiros: 1929 e 2004. A única referência existente é o morro visto ao fundo, atual morro da coroa, ocupado por casas simples.

1930

2004

Na época, o estado possuía projetos imobiliários que visava financiar moradias com o apoio do banco nacional de habitação - BNH, para a população que morava no subúrbio e tinha que vir de trem elétrico para o centro. O Catumbi foi

incluído neste projeto pois era a única área vendável na época. Entretanto, neste novo Catumbi os próprios moradores do bairro não poderiam participar do plano imobiliário por falta de recursos.

No alvoroço da desapropriação, descobriu-se que o número de moradores a serem desapropriados, seria muito maior do que se imaginava, devido as edificações locais serem casas de cômodos e diversas vilas, onde os lotes eram compridos - o que facilitava a construção de novas casas nos fundos dos terrenos, quando os filhos se casavam. As documentações eram precárias e nem todos tinham as documentações legalizadas, muitas eram apenas acordos de boca. Eram casas antigas, por volta de 1880, que estavam sem documentações e sem plantas. Ao todo foram retiradas 1680 famílias.

Algumas indenizações foram pagas, porém não ultrapassavam o valor de vinte mil cruzeiros os quais não compravam um terreno em Bangu, declarou Ítalo Brescia - fotógrafo e um dos líderes mais ativos do bairro, numa entrevista que fez para Márcia Guahyba, estudante de arquitetura da Universidade Santa Úrsula em 1999.

Para conter a desapropriação, que já assolava 2/3 do bairro, foi criada uma associação de moradores com a ajuda da paróquia de Nossa Senhora da Salette. No início sem existir juridicamente foi logo legalizada. E através dos estatutos da Igreja, entre outros se discutiam em cima do desejo de se criar uma associação. Então, foi através da redação que já tinha sido redigida pelo Coronel Salim, que se estabeleceram os cinco itens que sintetizavam os interesses dos moradores. Foi esta a primeira associação à ter seu alvará e registro, servindo de modelo para futuras associações de bairro da cidade do Rio. [57]

Bisanchet, Flavio (2004)

2004

Em 1967 não se podia falar nada, haviam pessoas do dopping infiltradas no bairro para controlar e vigiar os moradores que circulavam. Foi nesse momento que surgiu o jornal "O Catumbi" com a proposta de dar mais informação e segurança aos moradores.

Neste clima de ditadura até o padre, Mario Prigol, foi preso. Segundo Guida Nunes no livro "Catumbi, rebelião de um povo traído", onde radiografou a monstruosa desapropriação que se abateu sobre o bairro, fala sobre a prisão do

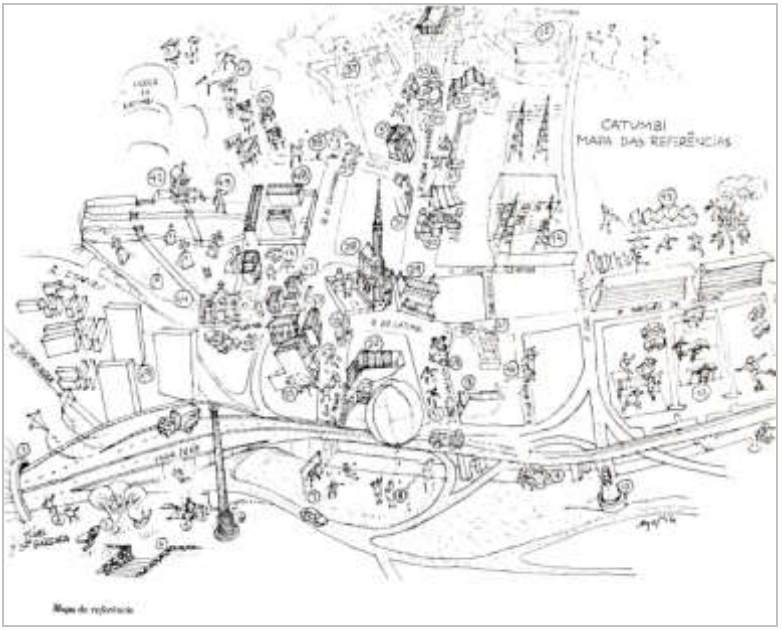
padre. Por motivo de segurança, estávamos em plena ditadura, a autora descreve o fato invertendo algumas letras do nome do religioso, chamando-o de Oimar. Segue trecho do relato: "Todos vocês sabem que estou diretamente ligado às comunidades faveladas do bairro. Trabalho nos morros da Coroa, Catumbi e São Carlos, não só celebrando missas, mas também participando de todos os movimentos em prol de uma comunidade melhor, mais humana. O interrogatório que enfrentei só abordou esse lado e foi feito na base de acusações falsas. Talvez minha prisão se deva ao fato de ter ido até a polícia tentar libertar oito jovens operários. Assim acabei ficando para responder perguntas sobre o meu trabalho que é aberto e público. Não me fizeram uma pergunta sequer sobre o movimento do Catumbi, mas, talvez, a minha participação tenha contribuído para a prisão e o interrogatório" [58] Depois de alguns dias, foi libertado pelos militares e nada aconteceu, declarou padre Mario em recente entrevista.

O tempo foi passando e o viaduto foi projetado por cima de um grande número de casas e muitos cidadãos foram obrigados a sair perdendo suas casas e lojas. A comunidade, então, junto com a associação de moradores resistiu durante muitos anos sob o slogan: "Sr Governador, onde vamos morar?".

Bisanchet, Flavio (2004)

Na década de 80 foram construídos, pela associação de moradores, o Conjunto Van Erven e Chichorro abrigando parte dos moradores desapropriados. Nesta época foi escrito um livro chamado "Catumbi, rebelião de um povo traído" de Guida Nunes onde radiografou a monstruosa desapropriação que se abateu sobre o bairro.

Em 1981, outra literatura foi escrita sobre a desapropriação das casas do Catumbi. "Quando a rua vira casa" de Vogel e Santos fala sobre a apropriação de espaços de uso coletivo no bairro.[59] Trata-se de um estudo de antropologia urbana, desenvolvido pelo IBAM, onde mostra um exemplo clássico de renovação urbana. Este assunto é muito procurado por estudantes de arquitetura-urbanista da Universidade Santa Úrsula.



O desenho acima é a ilustração da capa do livro "Quando a rua vira casa" que foi doado gentilmente pelo IBAM como fonte consultada.

Túnel Frei Caneca Henrique Valadares (1969)

Via alternativa de acesso para chegar ao centro da cidade, o túnel Frei Caneca, paralelo a avenida Presidente Vargas, facilitou a ligação como os bairros da Tijuca, Rio Comprido e Catumbi.

Abertura do túnel Frei Caneca no Catumbi em 1969

O motivo da perfuração do morro Paula Matos para a construção do túnel surgiu da dificuldade encontrada para o alargamento da rua Frei Caneca no trecho compreendido entre as avenidas Salvador de Sá e Men de Sá, cujo o vulto das despesas com as desapropriações somadas às de desmonte do morro seriam altíssimas para o Estado.

O túnel Frei Caneca foi considerado o primeiro túnel perfurado em terra e não em granito no Rio de Janeiro. Parecerá a muitos algo favorável. Não se previra tal situação, demandando técnicas especiais de escoramento da terra e drenagem de água que brotava em abundância de dentro do morro. Com isto o tempo da construção demorou mais do que previsto tendo iniciado a obra em 1969.[60]

Jornal O Catumbi (1971)

Fundado, em 1971, pela associação de moradores, em plena ditadura militar, o jornal chamado "O Catumbi" tinha por finalidade principal expressar a voz do povo frente às injustiças provocadas pelas desapropriações que estavam ocorrendo no bairro.

O Catumbi

Órgão da Associação de Assistência e Orientação dos Moradores do Catumbi

ANO II JAN./FEV. DE 1973 Nº 21

O CATUMBI

A Associação em Sede Própria

IGREJA SALETTE 70 anos de sua fundação

O jornal utilizou-se da ironia como forma de linguagem para lutar pelos direitos, assim como outros jornais o fizeram como o Pasquim. Em 1971 já contava com 16 páginas com assuntos e tipografias diversas sendo superior a alguns jornais matinais e vespertinos da época.

Conjunto Habitacional Ferro de Engomar (1971)

O atual conjunto habitacional composto por 18 prédios localizado na confluência das ruas Itapiru, Coqueiro e Dr.Agra visto do alto mostra um desenho no formato de um ferro de passar roupas ou ferro de engomar. Esta região, assim conhecida no passado, era formada por 98 casas que foram derrubadas na desapropriação de 1967.[61] Foi a primeira região do Catumbi a ser destruída para a construção dos prédios.

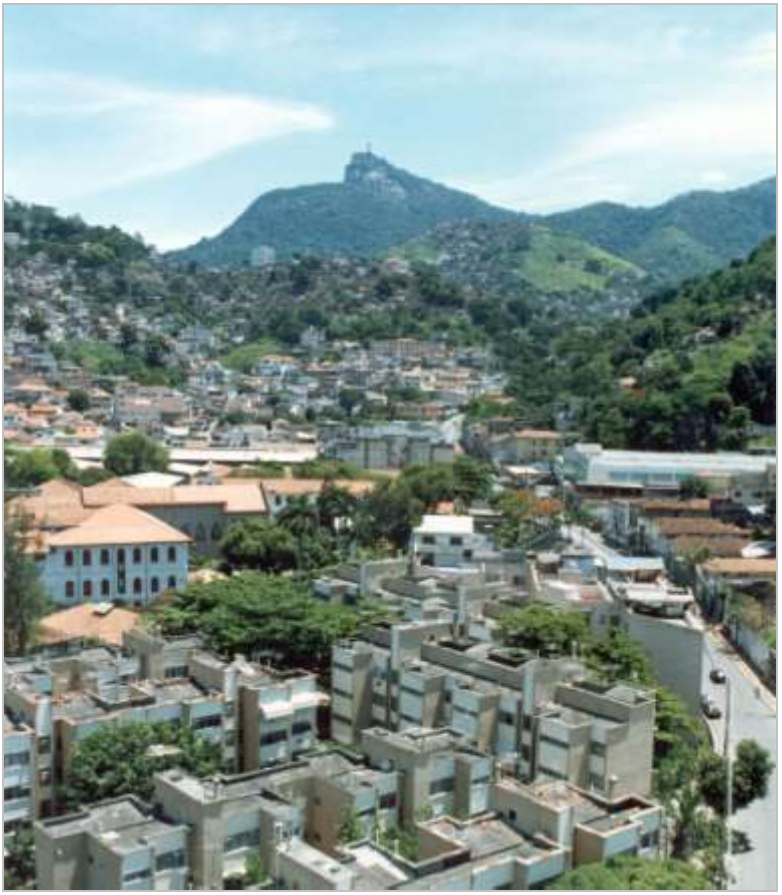
Inaugurado em 1971, três dos 18 prédios se destacam pela altura com seus 15 andares. São eles: Monteiro Lobato, dos bancários; Santa Bárbara, dos sargentos; Amauri Lousada, dos profissionais liberais.

Na época, os 3 mil novos moradores provenientes de outros bairros, se mantiveram à distância do drama social que se desenrolava no Catumbi.[62] Não foram testemunhas da demolição de 2/3 das residências do bairro o que acabou provocando, por razões naturais, uma relação fria com os antigos moradores do Catumbi.

Algumas pessoas confundem o nome do conjunto Ferro de Engomar com os prédios localizados na rua do Chichorro. Antes do conjunto dos 18 prédios esta região, já conhecida por ferro de engomar. Alguns destes antigos moradores

vieram a participar da Cooperativa Habitacional do Ferro de Engomar,[63] da qual resultou o conjunto da rua do Chichorro nº 53. Daí a confusão!

Bisanchet, Flavio (2004)



Vista da cobertura do prédio Monteiro Lobato, pertencente a antiga área do Ferro de Engomar, ao fundo o Cristo Redentor, à esquerda o morro de Santa Teresa e a rua Itapiru, subindo no sentido ao bairro do Rio Comprido. Abaixo do morro de Santa Teresa, temos o colégio Nossa Senhora de Nazaré e alguns dos 15 prédios menores do Ferro de Engomar.

Garagem da Comlurb (1984)

A instalação repentina da garagem da Comlurb para o bairro, como atesta o jornal "O Catumbi" em novembro de 1984, contrariou um plano na construção de um conjunto de prédios e uma escola que teria sido aprovado pelo Governo.

Para compensar a o espaço utilizado para a construção da Passarela do Samba na rua Marquês de Sapucaí e as inúmeras desapropriações, ocorridas desde 1967 no bairro, foi prometido o terreno utilizado pela Comlurb como termo de compromisso do Governador Leonel Brizola. Isto jamais aconteceu! [64]

Vista atual da garagem da Comlurb durante o desfile de Carnaval de 2006.

Na época, a Associação de Moradores entrou com um processo judicial contra a Comlurb. A associação ganhou a causa na primeira instância, porém o recurso requerido pela Comlurb trouxe ao final a vitória para a companhia de limpeza urbana instalar sua garagem. A garagem da Comlurb, que veio do bairro das Laranjeiras para o Catumbi em 1984 contrariou a população mais uma vez.

Passarela do Samba, Sambódromo (1985)

A construção da passarela do samba na rua Marquês de Sapucaí em 1985, projetada por Oscar Niemeyer, substituiu o tradicional monta-desmonta das arquibancadas de ferro que eram colocadas algumas semanas antes do carnaval.

Além da passarela, o sambódromo inclui escolas para 16 mil alunos, museu do carnaval e praça da apoteose, introduzida como inovação nos desfiles, com espaço para festivais e atividades culturais.

Construída com o objetivo de oferecer à cidade um espaço sempre pronto para shows de grande porte, a praça da apoteose seria utilizada durante os desfiles das escolas de samba para que os sambistas fizessem ali evoluções após o desfile para um desfecho apoteótico. Mas a idéia não vingou. Logo, foi colocado um setor de cadeiras.

Projetada em blocos pré-fabricados de concreto foi necessário apenas 120 dias para construção do sambódromo. A pista de desfiles mede 50m x 700m, totalizando 35 mil m^2. A Praça da Apoteose possui 300m de extensão e 24 mil m^2 de área.

Biblioteca Comunitária do Catumbi (1988)

Numas das casas mais antigas do bairro, em estilo colonial, funciona há 17 anos a biblioteca comunitária do Catumbi. Desde 1988, ligada diretamente à associação de moradores do bairro a entidade não tem fins lucrativos.

Bisanchet, Flavio (2004)

Matos, Mauro (2004)

Tendo um acervo de 20 mil livros a biblioteca conta com a ajuda voluntária de pessoas como Paula Matos e Miriam que dedicam parte de seu tempo para atender um público basicamente infanto-juvenil desde a fundação da casa.

Interessante é o resultado das crianças que freqüentam a biblioteca. "Todos os alunos praticamente passam de ano na escola", afirma Miriam, orgulhosa do trabalho que desenvolve como voluntária.

Matos, Mauro (2004)

Crescimento Desordenado

Nunes relata também sobre o crescimento desordenado do bairro no início do século XX. [65]

"As invasões de terrenos públicos e privados foram constantes a partir de meados da década de 10, e apesar da tentativa das autoridades cariocas conterem os posseiros urbanos, a falta de alternativa, em termos de uma política habitacional, consolidou a favela no cenário carioca. (...) Por essa ocasião já havia também galgado as encostas da serra da Carioca pelo lado do Catumbi - São Carlos e Querosene".

No prolongamento da rua Itapiru, sentido Catumbi - Rio Comprido, existe o morro do Castelhano alterado para Santos Rodrigues onde é ocupado pelas favelas da Mineira e do Querosene.

Atualmente o bairro do Catumbi assim como a cidade do Rio de Janeiro passa por um momento de extrema violência onde facções de bandidos comandam o tráfico local.

A característica atual destas facções é a não identificação com as comunidades, ou seja, o controle é feito por grupos de fora da comunidade diferentemente como ocorria outrora, onde o bandido crescia, morava e tinha uma identidade de respeito com o morro.

Para exemplificar o grau de violência no Catumbi, no dia 28 de janeiro de 2002, o bairro viveu uma verdadeira guerra. A população desceu do morro do Querosene e entrou em pé de guerra com a polícia. Ergueram barricadas e interditaram as vias de acesso da zona norte ao centro, entre as quais a rua Itapiru, destruiu uma padaria, saqueou um supermercado e incendiou três ônibus, quatro carros de passeio e uma moto. A cena era de guerra. Com medo dos "combatentes civis", que circulavam em meio às chamas exibindo fuzis e metralhadoras, o comércio fechou. A situação só voltou ao "normal" à tarde, quando o Batalhão de Choque da PM atacou a multidão com bombas de gás lacrimogêneo.

A própria rua Itapiru que antes poderia ser uma homenagem ao sucesso brasileiro na Guerra do Paraguai, hoje vive uma outra guerra onde é apontada pela imprensa por um dos locais mais perigosos da cidade.

População

O bairro do Catumbi, segundo o Censo Demográfico do IBGE de 2000, tem uma população de 12.914 pessoas distribuídas numa área de 53,4 hectares. Portanto, sua densidade demográfica de 242 pessoas por hectare, é cinco vezes maior a da cidade do Rio.

A alta densidade demográfica do Catumbi caracteriza um bairro residencial pela proximidade do centro da cidade, apesar da grande desapropriação ocorrida em conseqüência da abertura do túnel Santa Bárbara.

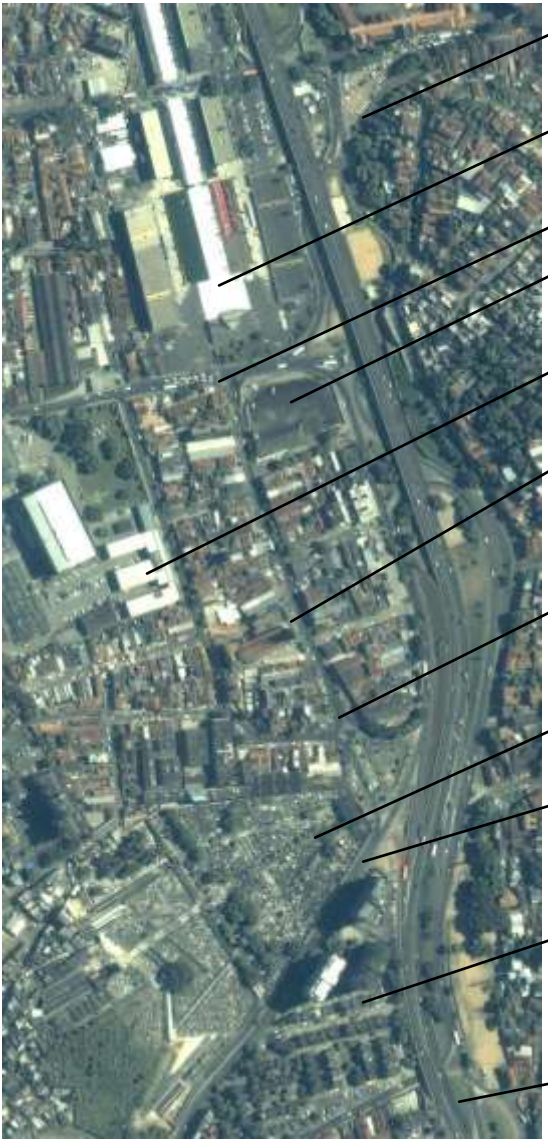
Em 1920, a participação percentual da população do bairro do Catumbi na cidade do Rio de Janeiro era de 1,47% conforme estimativa já comentada neste livro (ver recenseamento de 1920). Este percentual comparativamente ao censo de 2000 mostra uma retração de 85% na participação percentual da população do bairro na cidade do Rio.

O Catumbi de 1928 - Rua Navarro esquina com a rua Itapiru tendo ao fundo o morro da Coroa. O canal a esquerda é o Rio Papa Couves. Esta foto é a terceira imagem mais importante historicamente do bairro.

Pra quem passa rápido pelos viadutos do Catumbi, o bairro acaba sendo esquecido e transformado em passagem para zona sul e centro da cidade. Mas quem sabe, Catumbi venha ser mais tarde parte integrante da história do Rio Antigo e anexo ao corredor cultural da cidade do Rio de Janeiro.

Vista do viaduto São Sebastião

Atual Vista Aérea do Catumbi



Notas Bibliografia

[1]**CAVALCANTI**, Nireu. O Rio de Janeiro Setecentista: a vida e a construção da cidade da invasão francesa até a chegada da Corte – Ed Jorge Zarah, 2004, página 334.

[2]**ALONSO**, Dr Annibal Martins – Resumo histórico e ilustrado da instituição e suas fundações elaborado pelo Irmão Secretário da Mesa Administrativa – Venerável Ordem Terceira dos Mínimos de São Francisco de Paula – Bispo da Diocese do Rio de Janeiro, 1966, páginas 60 e 61.

[3]**GERSON**, Brasil – História das Ruas do Rio, 5ª edição remodelada e definitiva, Lacerda & Editores, 2000, página 337.

[4]**FILHO**, Adolfo Morales de Los Rios – O Rio de Janeiro Imperial, Editora A Noite, 1946, página 32.

[5]**NUNES,** Guida, Catumbi, rebelião de um povo traído: um caso de especulação imobiliária – Editora Vozes, 1978, pagina 60

[6]**CAVALCANTI**, Nireu. O Rio de Janeiro Setecentista: a vida e a construção da cidade da invasão francesa até a chegada da Corte – Ed Jorge Zarah, 2004, página 57 - Citado da obra de **LEITE, Serafim. Op. Cit., p.339,** Apud. "Texto da Sesmaria doada aos jesuítas"

[7]**GERSON**, Brasil – História das Ruas do Rio, 5ª edição remodelada e definitiva, Lacerda & Editores, 2000, página 337.

[8]**GERSON**, Brasil – História das Ruas do Rio, 5ª edição remodelada e definitiva, Lacerda & Editores, 2000, página 337.

[9]**FILHO**, Adolfo Morales de Los Rios – O Rio de Janeiro Imperial, Editora A Noite, 1946, página 20.

[10]**GERSON**, Brasil – História das Ruas do Rio, 5ª edição remodelada e definitiva, Lacerda & Editores, 2000, página 338.

[11]**FILHO**, Adolfo Morales de Los Rios – O Rio de Janeiro Imperial, Editora A Noite, 1946, página 32.

[12]**FILHO**, Adolfo Morales de Los Rios – O Rio de Janeiro Imperial, Editora A Noite, 1946, página 96, 315 e 316

[13]**FILHO**, Adolfo Morales de Los Rios – O Rio de Janeiro Imperial, Editora A Noite, 1946, página 96, 315 e 316

[14]**FILHO**, Adolfo Morales de Los Rios – O Rio de Janeiro Imperial, Editora A Noite, 1946, página 315 e 316

[15]**GERSON**, Brasil – História das Ruas do Rio, 5ª edição remodelada e definitiva, Lacerda & Editores, 2000, página 338.

[16]**GERSON**, Brasil – História das Ruas do Rio, 5ª edição remodelada e definitiva, Lacerda & Editores, 2000, página 338.

[17]**SANTOS,** Carlos Nelson Ferreira e VOGEL, Arno - Quando a rua vira casa, Instituto Brasileiro de Administração Municipal, 1981 página 54 a 56.

[18]Entrevista realizada em março de 2005 com Oswaldo, proprietário da casa colonial onde morou Barão do Chichorro.

[19]**BARREIROS,** Eduardo Canabrava, Atlas da evolução urbana da cidade do Rio de Janeiro – 1565 a 1965

[20]**GERSON**, Brasil – História das Ruas do Rio, 5ª edição remodelada e definitiva, Lacerda & Editores, 2000, página 337.

[21]**RODRIGUES**, Claudia - Lugares dos mortos na cidade dos vivos, tradições e transformações fúnebres no Rio de Janeiro, 1995 - Prêmio carioca de monografia, 1995 p.128

[22]**FLEIUSS**, Max – História da Cidade do Rio de Janeiro, Resumo Didactico – DF - Instituto Histórico Brasileiro

[23]**CORRÊA**, Magalhães – Terra Carioca – Fontes e Chafarizes – Coleção Memória do Rio 4 – Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1935

[24]**FILHO**, Adolfo Morales de Los Rios – O Rio de Janeiro Imperial, Editora A Noite, 1946, página 76

[25]**STRAUMANN**, Patrick – Rio de Janeiro, Cidade Mestiça: Nascimento da Imagem de uma Nação, ed. Companhia das Letras, 2001

[26]**FILHO**, Adolfo Morales de Los Rios – O Rio de Janeiro Imperial, Editora A Noite, 1946, página 317

[27]**CRULS**, Gastão – Aparência do Rio de Janeiro, foto da casa de Jean Baptiste Debret, vol. 1, Livraria José Olympio, 1965.

[28]**GERSON**, Brasil – História das Ruas do Rio, 5ª edição remodelada e definitiva, Lacerda & Editores, 2000, página 337.

[29]**ALONSO**, Dr Annibal Martins – Resumo histórico e ilustrado da instituição e suas fundações elaboradas pelo Irmão Secretário da Mesa Administrativa – Venerável Ordem Terceira dos Mínimos de São Francisco de Paula – Bispo da Diocese do Rio de Janeiro, 1966, página 79.

[30]**LAGO,** Bia Corrêa do, Augusto Stahl, Coleções visões do Brasil – Ed. Capivara, 2001

[31]**ALONSO**, Dr Annibal Martins – Resumo histórico e ilustrado da instituição e suas fundações elaboradas pelo Irmão Secretário da Mesa Administrativa – Venerável Ordem Terceira dos Mínimos de São Francisco de Paula – Bispo da Diocese do Rio de Janeiro, 1966, páginas 60 e 61.

[32]**FILHO**, Adolfo Morales de Los Rios – O Rio de Janeiro Imperial, Editora A Noite, 1946, página 149.

[33]**CARVALHO,** Affonso de –Ed. Livraria José Olympio, 3ª edição - 1942 página 272

[34]**ALONSO**, Dr Annibal Martins – Resumo histórico e ilustrado da instituição e suas fundações elaboradas pelo Irmão Secretário da Mesa Administrativa – Venerável Ordem Terceira dos Mínimos de São Francisco de Paula – Bispo da Diocese do Rio de Janeiro, 1966, páginas 62 e 63.

[35]**MATTOSO**, Kátia Queiroz., Bahia século XIX: uma memória do Império. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992, p.108.

[36]**ALONSO**, Dr Annibal Martins – Resumo histórico e ilustrado da instituição e suas fundações elaboradas pelo Irmão Secretário da Mesa Administrativa – Venerável Ordem Terceira dos Mínimos de São Francisco de Paula – Bispo da Diocese do Rio de Janeiro, 1966, página 96

[37]**SANTOS**, Noronha – As Freguesias do Rio Antigo, Edições O Cruzeiro, 223p.,1965

[38]**BRANDAO**, Bianca Peixoto & SANTOS, Mariana Correa - Os ciganos do Catumbi: aspectos de um conflito no meio urbano, UFRJ, páginas 1 e 2.

[39]**FILHO**, Adolfo Morales de Los Rios – O Rio de Janeiro Imperial, Editora A Noite, 1946, página 49

[40]**GERSON**, Brasil – História das Ruas do Rio, 5ª edição remodelada e definitiva, Lacerda & Editores, 2000, página 337.

[41]**NUNES**, Clarice. Cultura escolar, modernidade pedagógica e política educacional no espaço urbano carioca. Missionários do progresso: médicos, engenheiros e educadores no RJ-1870/1937. 10ª Ed. Rio de Janeiro: Diadorim, 1996. p.155-224.

[42] **PROCURAR**

[43]**FASSINI,** Padre Atico, Crônicas de uma missão – 100 anos de presença saletina no Brasil, gráfica e editora Berthier, 2001 página 111

[44]**GERSON**, Brasil – História das Ruas do Rio, 5ª edição remodelada e definitiva, Lacerda & Editores, 2000, página 338.

[45]**FASSINI,** Padre Atico, Crônicas de uma missão – 100 anos de presença saletina no Brasil, gráfica e editora Berthier, 2001 páginas 125 e 126.

[46]**FASSINI,** Padre Atico, Crônicas de uma missão – 100 anos de presença saletina no Brasil, gráfica e editora Berthier, 2001 páginas 120 a 122

[47] **Revista Minha História,** uma publicação editada pela Biblioteca Nacional número 3 – ano 1, pagina 63 a 67, 2004

[48]**FASSINI,** Padre Atico, Crônicas de uma missão – 100 anos de presença saletina no Brasil, gráfica e editora Berthier, 2001 páginas 125 e 126.

[49]Histórico do Orfanato Nossa Senhora de Nazaré, 8 de janeiro de 1949.

[50]**GERSON**, Brasil – História das Ruas do Rio, 5ª edição remodelada e definitiva, Lacerda & Editores, 2000, página 339.

[51]Histórico do Orfanato Nossa Senhora de Nazaré, 8 de janeiro de 1949.

[52] **PROCURAR**

[53]**ARAUJO, Hiram,** Carnaval seis milênios de história – Rio de Janeiro Editora Gryphus, 2000 páginas 179 e 180

[54]**LAMARÃO,** Sérgio - Navegando pela História, CD-ROM - Dos Trapiches ao Porto: um estudo sobre a área portuária do Rio de Janeiro, Biblioteca Carioca, 1991

[55]**FERNANDES**, Millor, Rua tal, quadra por aí assim, no. 100, andar 1.000, apartamento milhão, não sei onde - Revista VEJA 5 de maio de 1982.

[56]**PRIGOL**, Mario – Mario Prigol Educador da Fé entre os Trabalhadores e Militantes Populares, impressão Ed Vozes, 2003

[57]**BRESCIA**, Ítalo – Entrevista realizada pela Universidade Sta. Úrsula em 1999

[58]**NUNES,** Guida, Catumbi, rebelião de um povo traído: um caso de especulação imobiliária – Editora Vozes, 1978 (pagina 89 e 90)

[59]**SANTOS,** Carlos Nelson Ferreira e VOGEL, Arno - Quando a rua vira casa, Instituto Brasileiro de Administração Municipal, 1981

[60]**CATUMBI, O**, Jornal de ...

[61]**NUNES,** Guida, Catumbi, rebelião de um povo traído: um caso de especulação imobiliária – Editora Vozes, 1978, pagina 33

[62]**SANTOS,** Carlos Nelson Ferreira e VOGEL, Arno - Quando a rua vira casa, Instituto Brasileiro de Administração Municipal, 1981

[63]**SANTOS,** Carlos Nelson Ferreira – Três movimentos sociais urbanos no Rio de Janeiro, Religião e Sociedade, número , São Paulo, Hucitec, 1977.

[64]**BRESCIA**, Ítalo – Entrevista realizada pela Universidade Sta. Úrsula em 1999

[65]**NUNES**, Clarice. Cultura escolar, modernidade pedagógica e política educacional no espaço urbano carioca. Missionários do progresso: médicos, engenheiros e educadores no RJ-1870/1937. 10ª Ed. Rio de Janeiro: Diadorim, 1996. p.155-224.

[100]**BARATA**, Carlos Eduardo e BUENO, Cunha, Dicionário das famílias brasileiras.

[101]**INSITUTO PEREIRA PASSOS**, Coleção estudos da cidade, nota técnica número 5, região centro, 2003, página 15.

[102]**GERSON**, Brasil – História das Ruas do Rio, 5ª edição remodelada e definitiva, Lacerda & Editores, 2000, página 337.

[103]**FRIDMAN**, Fania – Donos do Rio em Nome do Rei: uma história fundiária da cidade do Rio de Janeiro, 2ª edição, Jorge Zahar Editor, 1999, página 342

[104]**GERSON**, Brasil – História das Ruas do Rio, 5ª edição remodelada e definitiva, Lacerda & Editores, 2000, página 219.

Agradecimentos

TEIXEIRA, Milton
Historiador

MAGALHAES, Fernando
PRIGOL, Padre Mario
Revisores

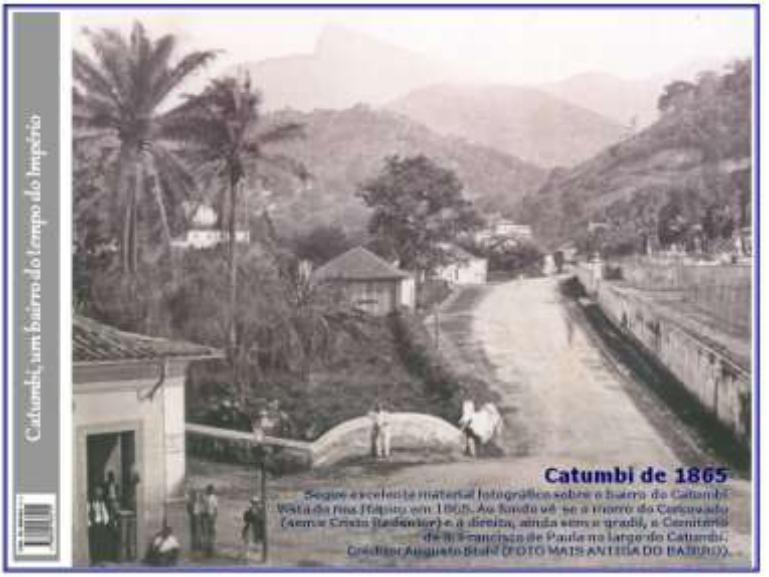
AUGUSTO, José
BISANCHET, Flavio
BRESCIA, Ítalo (em memória)
MATOS, Mauro
Fotografias

ERNANI (2005)
BRÉSCIA, Ítalo (1999)
OSWALDO (2005)
PRIGOL, Mario (2004 e 2005)
ROSEMBERG, Tito (2004)
TEIXEIRA, Milton (2004 e 2005)
Entrevistados

MATOS, Simone Amaral de Aguiar
ZAIDE – IBAM
MATOS, Paula
MIRIAN
FRANCISCO
GALVÃO, Antonio
Colaboradores

Maria Conceição da Costa Matos
Nerêo Cardoso de Matos
Meus pais

Catumbi, um bairro do tempo do Império
Mauro Matos
mauroacm@gmail.com
Prêmio Coleção Patrimônio Turístico e Histórico 2005
da Prefeitura do Rio de Janeiro


Catumbi, um bairro do tempo do Império
Catumbi de 1865

Prezado leitor,

Segue **329 slides** com fotos e textos selecionados do livro que escrevi sobre a história do bairro do Catumbi em 2005. O Catumbi é um dos bairros mais antigos da cidade do Rio de Janeiro com 240 anos de existência. O livro pode ser adquirido gratuitamente na Riotur (Praça Pio X, 119 – Centro - Rio de Janeiro) ou solicitado sua leitura na Biblioteca Nacional ou Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB).

Mauro Matos
Rio de Janeiro, 3 de agosto de 2010

Lançamento do livro "Catumbi, um bairro do tempo do Império" no restaurante Mangue Seco em 9/mar/2006

Mauro com Rubem Medina, secretário de turismo em 2006

Com o historiador Carlos Barata, autor do livro 'De engenho a jardim' apresenta a história do Jardim Botânico do Rio de Janeiro desde a origem de suas terras quando Engenho Real no século XVI, passando pelo período da desapropriação e transformação em fábrica de pólvora até os dias atuais.

Funcionários da RIOTUR.

Carlos Barata (historiador), Ruben Medina, (Secretário de Turismo), Otávio Leite (Vice-prefeito) e Antonio Salões (Sub-secretário da RIOTUR) compareceram ao evento do lançamento.

'Catumbi, um bairro do tempo do Império'

Livro escrito por Mauro Matos, estatístico morador do bairro, fará parte da Coleção Patrimônio Turístico

Por Gian Amato
gian.amato@ig.com.br

• Um dos primeiros bairros do Rio terá um livro que conta a sua história: "Catumbi, um bairro do tempo do Império", de Mauro Matos, estatístico morador do bairro. O trabalho, selecionado entre 12 finalistas de um concurso público promovido pela prefeitura no ano passado, fará parte da Coleção Patrimônio Turístico, da Secretaria municipal de Turismo. O lançamento está previsto para até o fim do mês.

Recheada de fotos históricas, a obra reúne documentos pouco conhecidos do público, como o registro da primeira construção do bairro, uma ponte, que foi erguida em 1791 pelo mestre-de-obras Francisco de Oliveira.

— A idéia de escrever sobre o bairro do Catumbi surgiu em razão da ausência de uma literatura sobre a região do ponto de vista histórico — diz o autor, ressaltando que pesquisou o tema por quatro anos.

Considerado um dos primeiros bairros da cidade do Rio de Janeiro, no período imperial, o Catumbi nasceu de um desmembramento de Santa Teresa. Na literatura não há registros oficiais sobre o ano de sua origem. Mas, segundo o autor do livro, pode-se dizer que a fase embrionária do bairro surgiu por volta da década de 60 do século XVIII, conforme pode ser verificado na reprodução do mapa da cidade de 1769, incluído na publicação.

Outra revelação é a construção às pressas do Cemitério São Francisco de Paula em 1850 para atender aos óbitos causados pela febre amarela.

André Coelho

MAURO MATOS, autor do livro, junto ao Chafariz do Lagarto, reprodução de obra de Mestre Valentim de 1786

A Coleção Patrimônio Turístico da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro

Apresenta

Catumbi, um bairro do tempo do Império, de Mauro Matos

Revisão 9 de maio de 2010
ISBN 343.137

Introdução

A idéia de escrever sobre o bairro do Catumbi surgiu em razão da ausência de uma literatura sobre a região do ponto de vista histórico, ou seja, um livro que pudesse reunir fotos e documentos pouco conhecidos desde o tempo do Império.

O trabalho de pesquisa foi extensivo por mais de 4 anos garimpando na literatura tudo que fosse relacionado ao Catumbi, de maneira que nos últimos meses esse material foi reunido e editado neste livro.

Considerado um dos primeiros bairros da cidade do Rio de Janeiro desde a época imperial; antes existiam freguesias; tem-se o registro que em 1791 foi construída uma ponte no Catumbi pelo mestre-de-obras Francisco de Oliveira.

O próprio cemitério São Francisco de Paula da Ordem Terceira foi inaugurado às pressas para conter a grande quantidade de óbitos provocados pela epidemia de febre amarela em 1850.

O Catumbi do século XIX, conhecido também como zona do agrião, nome de uma hortaliça das chácaras existentes na região, foi considerado em sua origem, subúrbio numa época de alagadiços.

Várias vezes alteraram os limites do bairro diminuindo sua área. Nessa abordagem consideraremos pertinente ao Catumbi, a partir do chafariz do Lagarto, o largo do Catumbi, a rua Itapiru até o cruzamento com a rua Navarro e as encostas dos morros que o circundam: Paula Matos, Coroa, Mineira e Santos Rodrigues.

O livro "Catumbi um bairro do tempo do Império" é uma publicação inédita, pois conta a história colonial, imperial e republicana de uma **região esquecida por sucessivos governantes e desconhecida por muitos apreciadores do tema Rio Antigo**.

Mauro ao lado da fonte do Largato, de Mestre Valentim no Catumbi

mauroacm@gmail.com

Catumbi, 240 anos

Há pelo menos 240 anos surgia próximo da atual Praça XI a formação do bairro do Catumbi.

Na literatura, apesar de não haver registros oficiais sobre a data de origem do Catumbi, pode-se fundamentar que a fase embrionária do bairro surgiu por volta da década de 60 do século XVIII conforme pode ser verificado no mapa da cidade do Rio de 1769. Esta carta mostra algumas edificações, o caminho do Catumby e a atual rua Frei Caneca.

O mapa do Rio de Janeiro de 1769 mostra a fase embrionária na formação do bairro do Catumbi

A primeira carta deste acervo cartográfico, de 1769, ilustra a formação do bairro ainda na época colonial (antes de 1822) sem o cemitério de São Francisco de Paula que viria 81 anos depois.

A região do atual Catumbi e arredores, antes de existirem, foram doados por Estácio de Sá aos padres Jesuítas e eles logo montaram engenhos e roças nestas terras. Esta doação é citada na obra "O Rio de janeiro Setecentista", do historiador Nireu Cavalcanti, onde mostra as coordenadas da primeira sesmaria da cidade do Rio.,

Pode-se dizer que, com a expulsão dos jesuítas das colônias portuguesas (em 1759), as terras por eles ocupadas na cidade do Rio foram passo a passo sendo povoadas dando origem aos bairros do Catumbi, Tijuca etc. É desta época o retalhamento das chácaras das regiões sul e norte da cidade do Rio.

No entanto, há registros de outros moradores na região do Catumbi no ano de 1610 conforme pode ser visto na obra de Morales de Los Rios, O Rio de Janeiro Imperial.

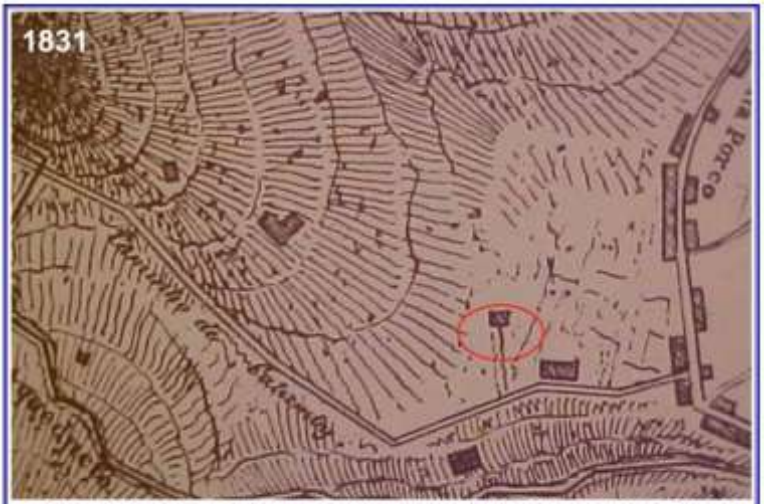
Na linguagem indígena Catumbi significa rio na sombra ou sombreado. Entretanto, segundo Agenor Lopes de Oliveira, autor da Toponímia Carioca editado em 1935, o termo Catumbi seria uma corruptela (palavra que, por abuso, se escreve ou pronuncia erradamente) de catú-huú-ybyi, ou "atoleiro muito fundo", formado pelos elementos catú - "muito", huú - "lameiro, lodo, detritos" e ybyi - "oco, côncavo, seco".

Uma seqüência de quatorze mapas da Biblioteca Nacional foi selecionada gentilmente pelo historiador Milton Teixeira para este livro identificando a região do Catumbi desde 1769. Os mapas mostram a evolução e a retração que o bairro sofreu com o passar dos anos.

A planta de 1791 mostra a região do Catumbi com muitas plantações. Esta área de servidão indica um caminho aberto, antes, pelos Jesuítas, que dará mais tarde origem às ruas do Catumbi e Itapiru.

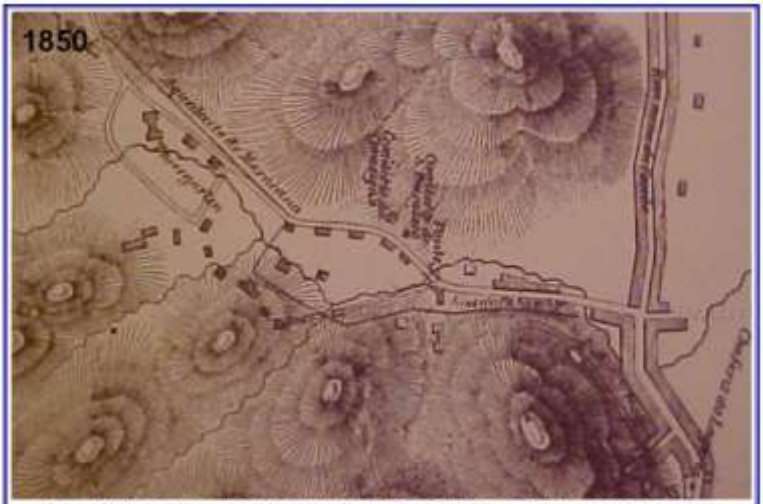
Na planta de 1808, conhecida também como planta Régia, ano da chegada da Família Real ao Brasil, aparece algumas casas isoladas no Catumbi. Com certeza, duas delas eram do Conde da Barca e do Duque de Palmela.

A carta de 1829 mostra um recuo da evolução urbana, com grandes áreas vazias. Praticamente só existiam casas na rua do Conde (atual rua Frei Caneca).

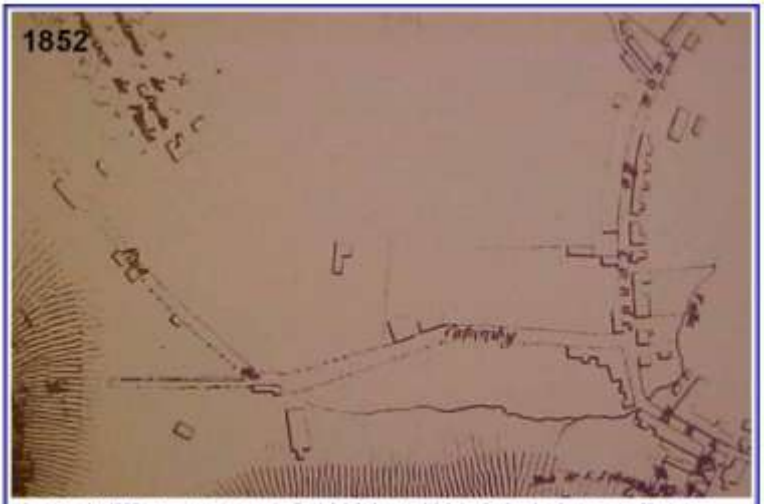


A planta de 1831 registra o caminho do Catumby (atuais ruas Itapiru e Catumbi) e 4 casas. Este mapa registra o Catumbi na época do Império, que vai de 1822 a 1889, com a proclamação da República.

Na planta de 1843 mostra que as 4 casas no bairro, indicadas no mapa anterior, foram reduzidas a duas.

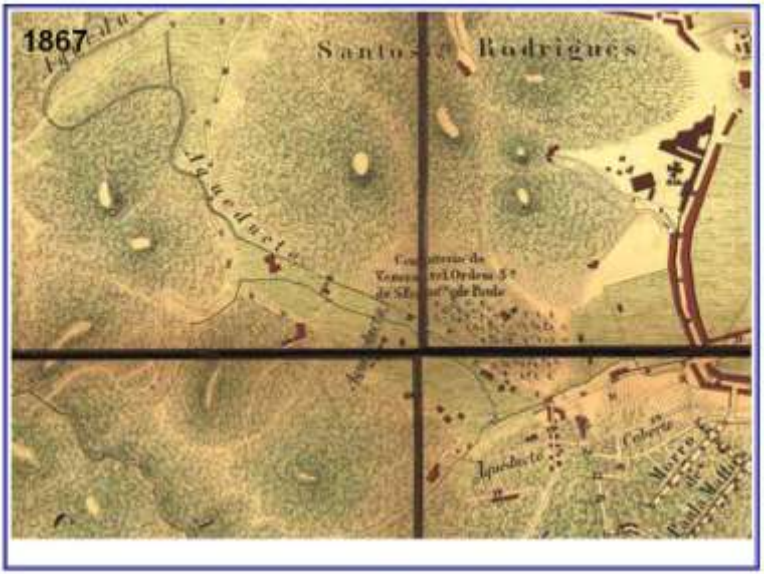


A carta de 1850 registra o início do cemitério de São Francisco de Paula, o presídio e muitas casas ao longo das atuais ruas Itapiru e Catumbi.

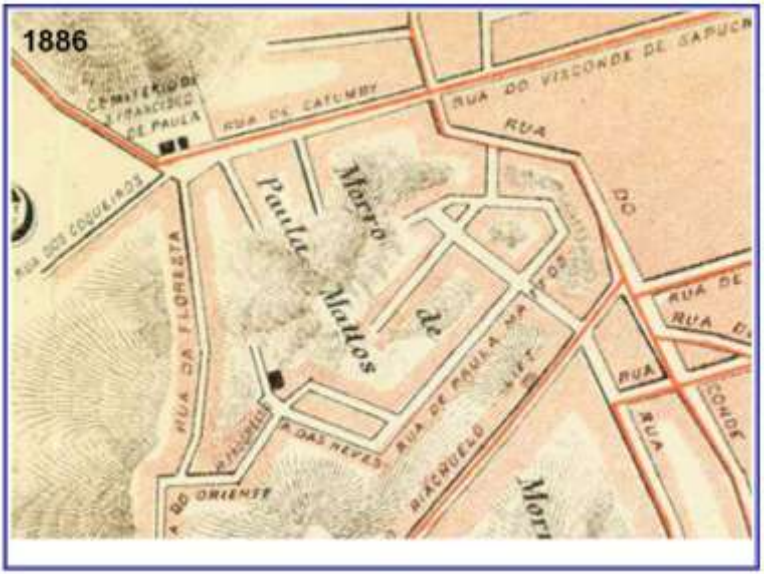


A carta de 1852 comprova a ocupação inicial do cemitério pelo fundo do terreno. Neste ano, segundo relato histórico, "moradores do bairro do Catumbi, se recusavam a aceitar o cemitério próximo às suas casas".

A planta de 1864 registra o cemitério, o aqueduto na rua Itapiru, a casa de correção e muitas outras edificações.



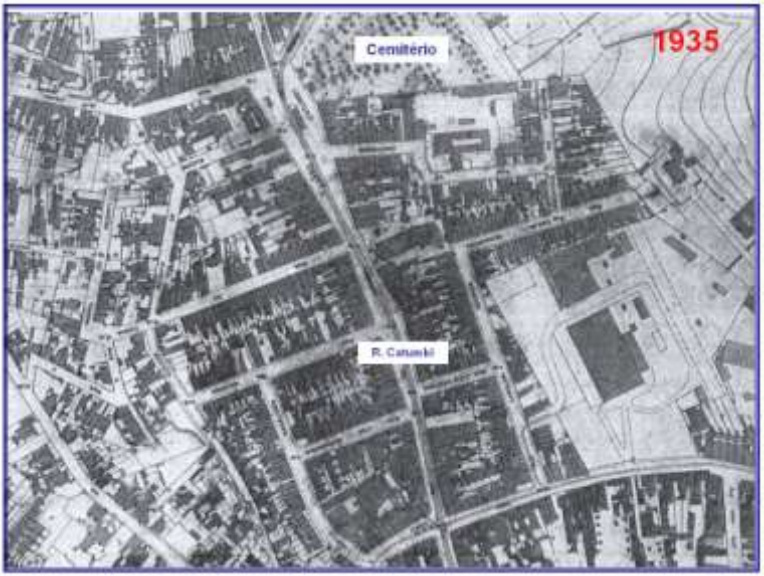
A carta de 1877 mostra o atual traçado urbano do bairro já definido pelos arruamentos secundários. Desde 1870, as linhas de bonde de tração animal começam a circular pelo Catumbi. O bairro foi um dos primeiros a ter bonde de tração animal na cidade do Rio.

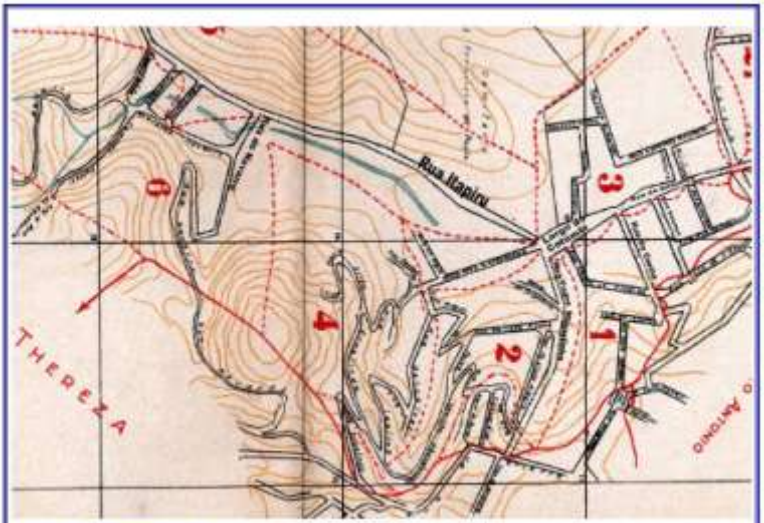


A planta de 1890 mostra uma evolução urbana discriminando muitas ruas existentes no bairro do Catumbi atual. Nesta carta, a rua Itapiru é registrada pela primeira vez, apesar do registro ter ocorrido em 1875.

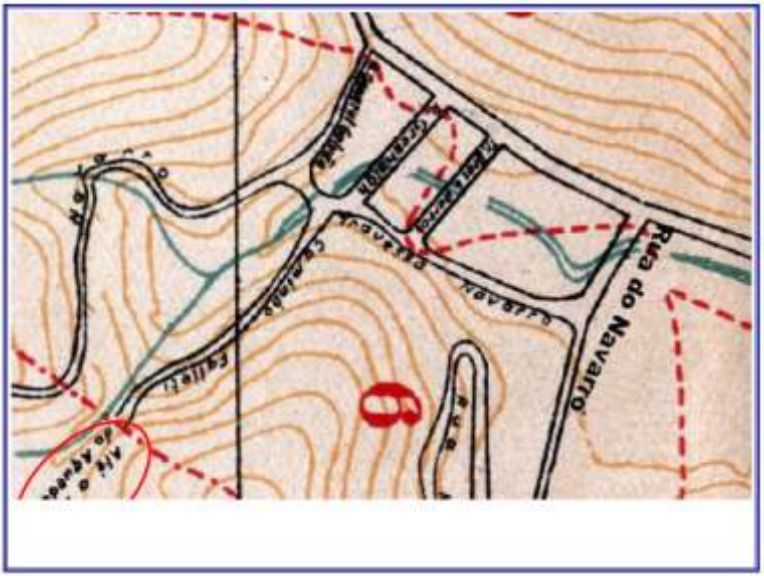
O mapa de 1904 mostra uma importante carta do antigo Distrito Federal. O interessante é o detalhamento do nome de todas as ruas do atual Catumbi. Nesta época a rua Dr. Agra ainda não tinha ligação com a rua Itapiru.

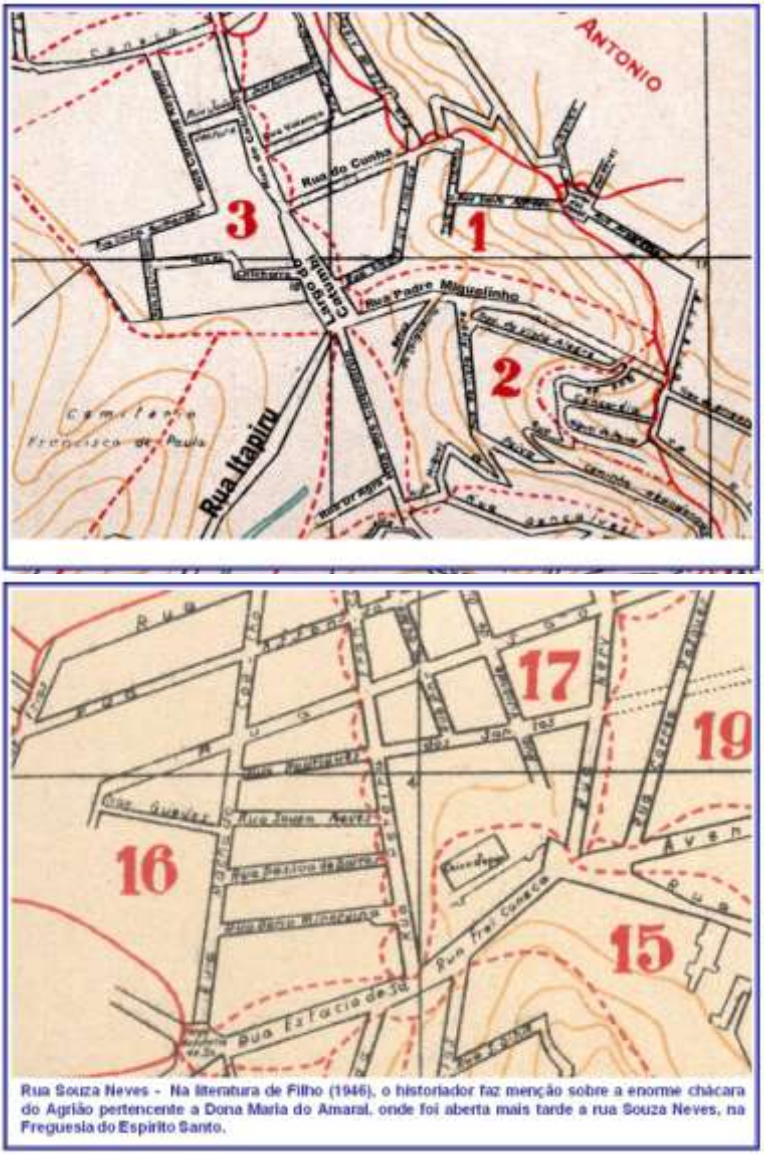
Finalmente a carta de 1914, de Carlos Aenishanslin. Este mapa mostra as vias abertas durante a reforma de Pereira Passos, ano da criação da paróquia de Nossa Senhora da Salette no Catumbi.



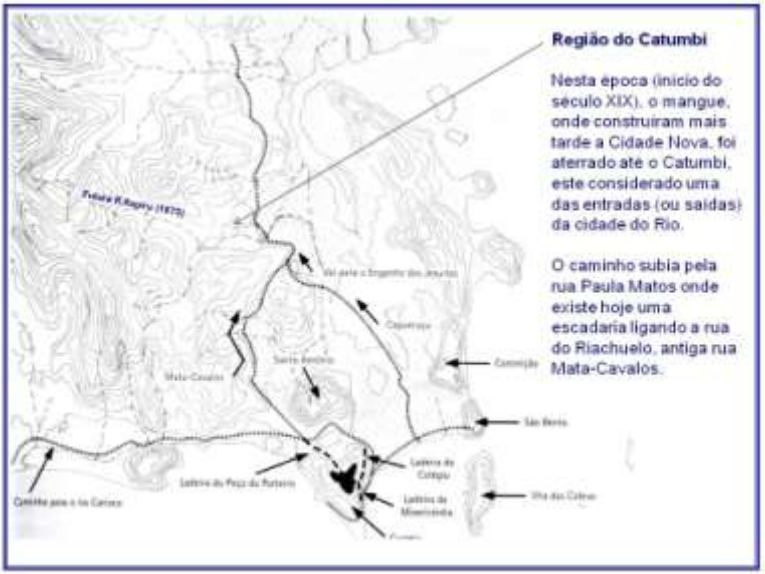


1920 – Neste mapa mostra





Rua Souza Neves - Na literatura de Filho (1946), o historiador faz menção sobre a enorme chácara do Agrião pertencente a Dona Maria do Amaral, onde foi aberta mais tarde a rua Souza Neves, na Freguesia do Espírito Santo.



Parte do mapa da cidade do Rio em 1831

O Caminho do Catumby, passa a se chamar de rua Itapiru em 1875

Dando continuidade às transformações ocorridas e iniciadas pela reforma de Pereira Passos no início do século XX sob o triplo saneamento, abertura de ruas e embelezamento em sinal da modernidade mencionada por LAMARÃO54, estudioso do Rio Antigo e pesquisador do CPDOC da Fundação Getulio Vargas, o Catumbi estaria no foco da destruição.

Com a derrubada do morro do Castelo em 1920, onde se originou a cidade do Rio de Janeiro e dos vários quarteirões para construção da Avenida Presidente Vargas em 1945, não seria difícil imaginar o desaparecimento dos casarios simples do Catumbi em 1967.

1940

1944

No final da década de 60, o bairro do Catumbi passou por uma grande valorização dos terrenos pela proximidade do centro da cidade e principalmente pela facilidade de se chegar à zona sul através da recente abertura do túnel Santa Bárbara.

Entre janeiro de 1967 e meados de 1979, o bairro passou por um processo de desapropriação desumana onde o novo projeto urbanístico não contemplava naquela época os 30 mil moradores, segundo um dos padres que em seguida foi também pároco da igreja de Nossa Senhora da Salete, Mário Prigol. O povo simplesmente era despejado de suas casas, acrescenta o padre que mora no bairro desde 1961.

Pieter Godfred Bertichen (Catumbi de 1840)

Vista da rua Itapiru em 1865. Ao fundo vê-se o morro do Corcovado (sem o Cristo Redentor) e à direita, ainda sem o gradil, o Cemitério de S. Francisco de Paula no largo do Catumbi. Crédito: Augusto Stahl
(FOTO MAIS ANTIGA DO BAIRRO)

Catumbi em 1984

Primeiros caminhos abertos no Rio

Em 1852, o mangue, onde construíram mais tarde a Cidade Nova, foi aterrado até o Catumbi. Esta nova área era considerada uma das entradas (ou saídas) da cidade do Rio.

O caminho que subia pela rua Paula Matos onde existe hoje uma escadaria ligando a rua do Riachuelo. No início da República, o morro da rua Paula Matos era considerado local escondido, de difícil acesso, mas habitado por casas simples.

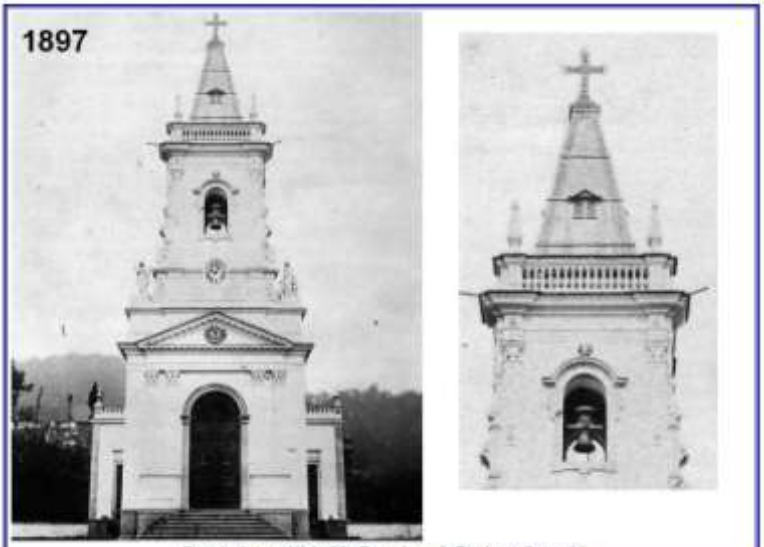
Escadaria da Rua Paula Matos (um dos primeiros caminhos abertos na cidade do Rio)
Rua Z, região conhecida pelo Zigue-zague do Teixeira (Matos, 2005)

Escadaria da Rua Paula Matos (Matos, 2005)

Cemitério S.Francisco de Paula (1850)

Inaugurado em 19 de março de 1850 o cemitério de São Francisco de Paula ou cemitério do Catumbi, como é mais conhecido, foi o primeiro no Brasil construído a céu aberto destinado a não-indigentes.28 Antes, somente religiosos e ricos eram sepultados nas criptas das igrejas. Na época, devido ao efeito devastador das epidemias na cidade do Rio de Janeiro, principalmente da febre amarela foi construído com urgência o cemitério pela Ordem Terceira de São Francisco de Paula tendo aprovação do Império.

Entrada do cemitério São Francisco de Paula no Catumbi em 1897



Capela do cemitério São Francisco de Paula no Catumbi

Jazigo da Duqueza do Duque de Caixas no Cemitério do Catumbi. Ao fundo a rua Itapiru

Vista da rua Itapiru e muro do Cemitério. Este Pinheiro foi derrubado em 2008.

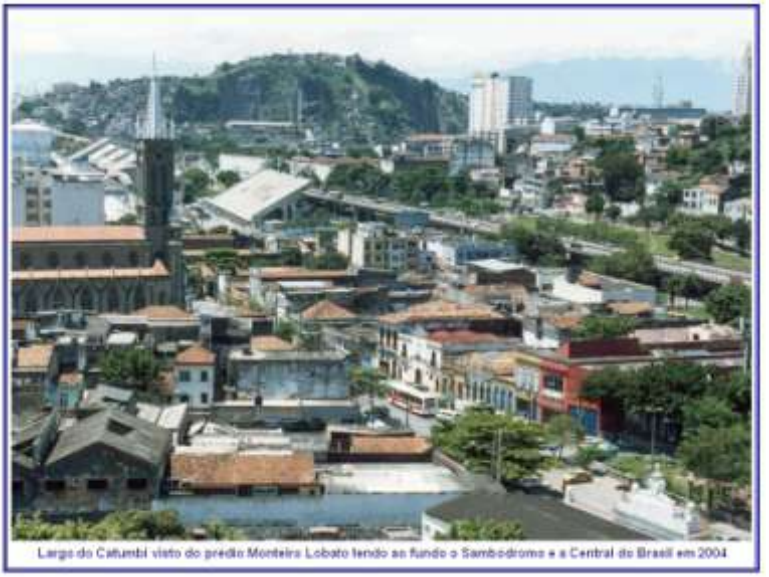
Vista da rua Itapiru em dia de chuva forte.

Portão lateral do cemitério do Catumbi. O portão foi murado para conter a grande quantidade despachos de macumba. Este portão fica em frente ao prédio Monteiro Lobato (14 andares).

Gradil do Cemitério do Catumbi

Frente do Cemitério do Catumbi

Entrada principal do cemitério do Catumbi (dez-2004) Flávio Bisanchet

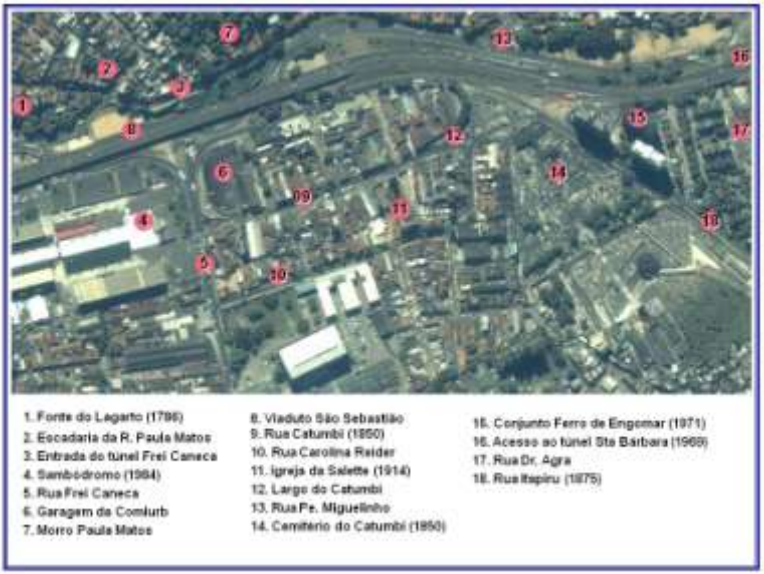


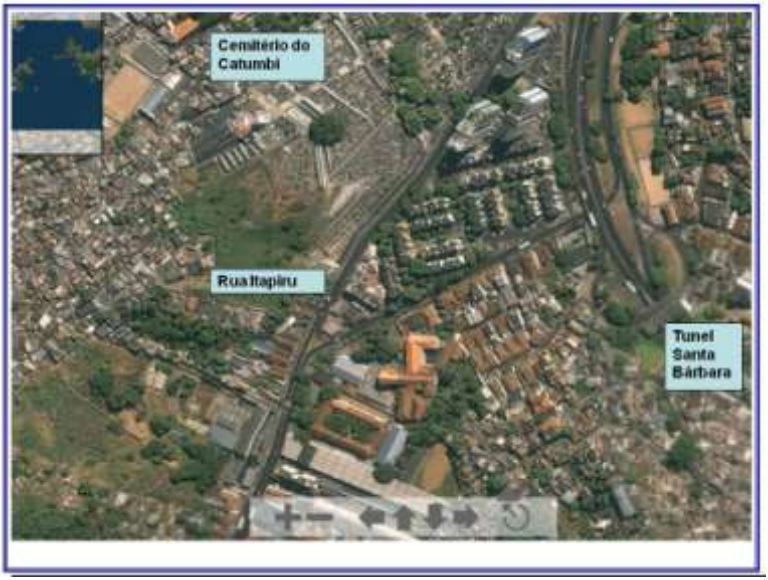
Largo do Catumbi visto do prédio Monteiro Lobato tendo ao fundo o Sambodromo e a Central do Brasil em 2004

Cemitério do Catumbi visto da cobertura do prédio Monteiro Lobato (Ferro de Engomar) em 2004 (Bisanchet)

Interior do cemitério do Catumbi (2006) - Raul

Vista aérea do Catumbi


1. Fonte do Lagarto (1796)
2. Escadaria da R. Paula Matos
3. Entrada do túnel Frei Caneca
4. Sambódromo (1984)
5. Rua Frei Caneca
6. Garagem da Comlurb
7. Morro Paula Matos
8. Viaduto São Sebastião
9. Rua Catumbi (1850)
10. Rua Carolina Reider
11. Igreja da Salette (1914)
12. Largo do Catumbi
13. Rua Pe. Miguelinho
14. Cemitério do Catumbi (1850)
15. Conjunto Ferro de Engomar (1971)
16. Acesso ao túnel Sta Bárbara (1969)
17. Rua Dr. Agra
18. Rua Itapiru (1875)

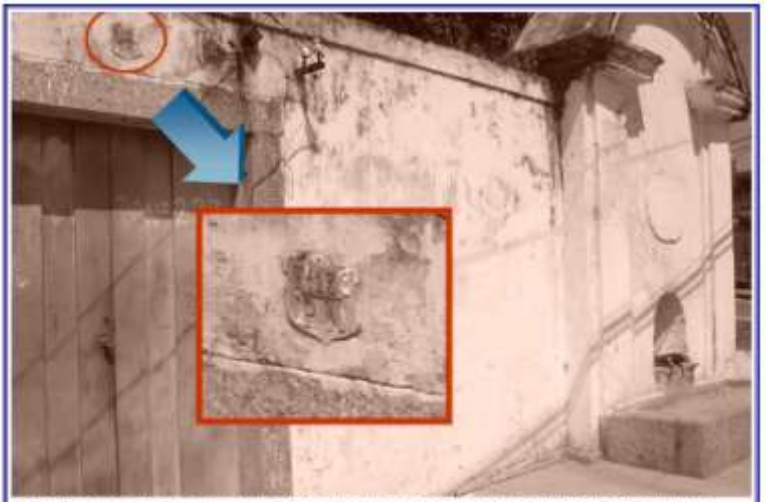

Cemitério do Catumbi
Rua Itapiru
Tunel Santa Bárbara

Chafariz do Lagarto (1786)

O chafariz do Lagarto, localizado na encosta do morro Paula Mattos em frente ao Batalhão da Polícia Militar e próximo ao sambódromo, foi erguido em 1786 pelo famoso Mestre Valentim.

A fonte, que recebia água pelo aqueduto do Catumbi do qual atravessava a rua Itapiru chegando até o morro Paula Mattos, hoje incorporado à Santa Teresa. Esta fonte faz parte de um conjunto de 13 obras construídas no Rio de Janeiro numa época em que a água potável era de difícil aquisição.

Na fonte lê-se a inscrição em latim "Ao sedento povo, o Senado deu água em abundância. Ano de 1786".



Outra inscrição, esta mais discreta, lê-se PR, que na época da chegada da Família Real ao Brasil (1808) a nobreza portuguesa ocupou estes imóveis despejando seus moradores. A inscrição PR é uma sigla que dizia "Príncipe Regente", mas o povo logo apelidou de "ponha-se na rua".

07/09/2004, Matos – Fonte do Lagarto (1798)

Fonte do Lagarto (1935) – Esta foto publicada pela revista Semana mostra o lagarto de bronze original feito pelo mestre Valentim no final do século XVIII e roubado em 1975. Em seu lugar foi colocada uma copia de ferro, um pouco maior.

O abandono da fonte do Lagarto

21 / 05 / 2005

07 / 09 / 2004

Ao completar 220 anos a fonte do Lagarto, tombada pelo **IPHAN**, encontra-se abandonada conforme pode ser verificado nas fotos ao lado.

Em menos de 9 meses destruíram parte de uma das pilastras e a inscrição "Ao sedento povo, o Senado deu água em abundância. Ano de 1786" está praticamente inelegível.

07/09/2004 ——— 21/05/2005

Família diz usar chafariz como casa há 15 anos

Patrimônio em perigo

REVISTA DE HISTÓRIA ANO 3 Nº 32 MAIO 2008

Fonte Paulo Fernandes

Ao lado da fonte do lagarto existe uma outra chamada Paulo Fernandez. Esta fonte era alimentada pelas águas do rio Comprido vindas pelo aqueduto do Catumbi.

Dali fêz-se uma calha de madeira, sustentada por cavaletes até o Campo de Santana, onde a 13 de maio de 1809, jorrava água pelas bicas do chafariz.

A aquarela de Emeric Vidal (1828), registra a fonte Paulo Fernandez tendo ao fundo a Floresta da Tijuca.

21/05/2005, Matos – Fonte Paulo Fernandez

21/05/2005. Matos - Encosta do morro Paula Matos. Fica entre as fontes do Lagarto e Paulo Fernandez.

Debret morou no Catumbi

Em 1816, D. João VI trouxe a importante Missão Artística Francesa para o Brasil da qual fazia parte o renomado francês Jean Baptiste Debret para registrar através de pinturas as novas transformações do Rio de Janeiro. Ninguém melhor do que Debret retratou o cotidiano da cidade, permanecendo durante quinze anos na cidade do Rio.

Debret, personagem de destaque da corte portuguesa, morou no Catumbi onde tinha atelier como pode ser visto numa descrição de suas próprias aquarelas. Na literatura não foi encontrada a rua onde Debret morou no Catumbi, apenas uma gravura externa da casa (foto abaixo à direita). 62

Coleção Fundação Raymundo Castro Maya – 1816 - Debret, personagem de destaque da corte portuguesa, morou no Catumbi onde tinha atelier como pode ser visto numa discrição de suas próprias aquarelas. a literatura não foi encontrada a rua onde Debret morou no Catumbi.

Rua dos Coqueiros em 1930

Vista da rua dos Coqueiros em 1930. Ao fundo vê-se o morro da Coroa já habitado por casas simples. O gradil visto à direita é da Capela de Nossa Senhora da Conceição demolida em 1963. A igreja foi erguida em 1886 na esquina com as ruas Catumbi e Itapiru.

A chácara dos Coqueiros, uma das mais antigas da zona norte, deu origem à abertura do trecho inicial da rua dos Coqueiros e da Floresta, atual rua Padre Miguelinho (um dos chefes da revolução republicana e nativista de 1817).

Esta rua foi um exemplo da desapropriação que ocorreu no bairro em 1967. Algumas ruas desapareceram por completo para dar lugar às vias de acesso ao túnel Sta. Bárbara.

Rua dos Coqueiros em 1930 (Ao fundo vê-se o morro da Coroa já habitado por casas simples.) Augusto Malta

Rua dos Coqueiros em 1928 (ao fundo o morro da Coroa)
A capela que ficava na esquina com as ruas Itapiru e Catumbi foi derrubada

Capela N. Senhora da Conceição

Vista da primeira igreja do bairro do Catumbi, na esquina das ruas Catumbi e Itapiru, na década de 50. Vê-se, à direita, o gradil do Cemitério de São Francisco de Paula e ao fundo o morro da Coroa.

Construída em 1886 a Capela de Nossa Senhora da Conceição foi demolida para construção do elevado que leva ao túnel Santa Bárbara e das obras de canalização do rio Papa-Coves em 1963.

Neste local foi construído parte dos edifícios do BNH lá pelo ano de 1971.

O bonde 45 em frente ao cemitério do Catumbi em dia de Carnaval na década de 50. Ao fundo a capela Nossa Senhora da Conceição, demolida em 1963.

Rua da Floresta, atual padre Miguelinho

A chácara dos Coqueiros, uma das mais antigas da zona norte, deu origem à abertura do trecho inicial da rua dos Coqueiros e da Floresta, atual rua Padre Miguelinho (um dos chefes da revolução republicana e nativista em 1817).

Rua da Floresta, atual padre Miguelinho

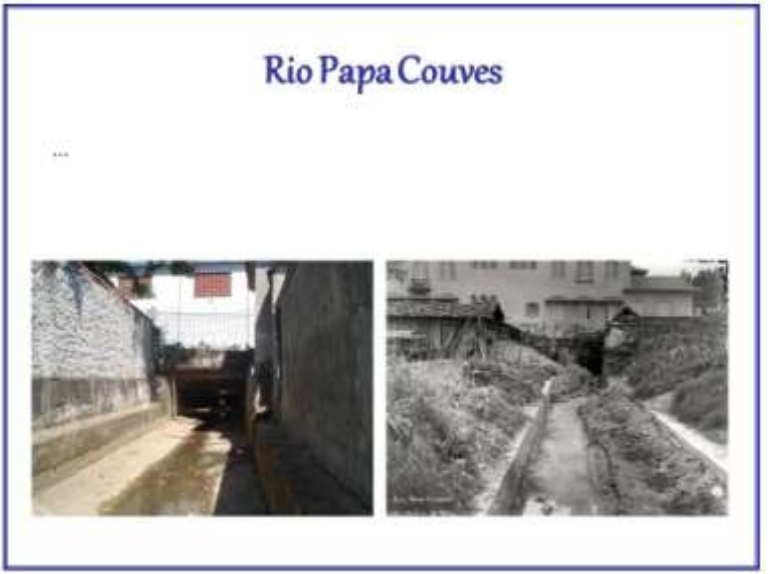
Vista da rua Padre Miguelinho tendo ao fundo o cemitério de São Francisco de Paula, em 1930. Com a desapropriação de 1967, metade destas casas foram destruídas para dar lugar às avenidas que ligam ao túnel Santa Bárbara. À esquerda, tem-se uma venda, existente até hoje, a qual faz esquina com o beco do salgueiro.

Faixa comemorativa sobre Pixinguinha na rua padre Miguelinho no Catumbi organizada por Hamilton e Alberto

Rua Itapiru (1875)

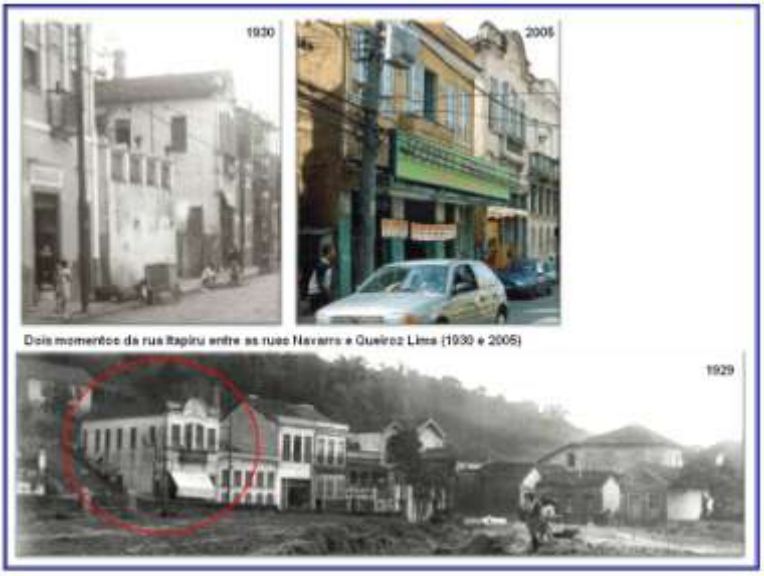
Pela cartográfica da Biblioteca Nacional sabe-se que em 1791 já existia o caminho do Catumbi. Este caminho, em 1850, deu origem a rua Catumbi e a abertura da estrada de mesmo nome ligando o bairro ao Rio Comprido.

Em 1875, a Estrada do Catumbi após a Guerra do Paraguai passou a ser chamada de rua Itapiru em homenagem a uma batalha na margem do rio Paraná onde se encontrava o forte de Itapiru. A mudança foi registrada na Câmara Municipal do Rio de Janeiro para comemorar o sucesso brasileiro na Guerra do Paraguai.


Rio Papa Couves

Saneamento do Rio Papa-Couves em 1929. Trecho ao lado rua Itapiru, depois da rua Navarro no Catumbi

Saneamento do Rio Papa-Couves em 1929. Trecho ao lado rua Itapiru, depois da rua Navarro no Catumbi



Dois momentos da rua Itapiru entre as ruas Navarro e Queiroz Lima (1930 e 2005)

Rua Itapiru

Rua Navarro em 1928 – 3ª foto maior importante historicamente do bairro do Catumbi

Rua Navarro em 1928 – 3ª foto maior importante historicamente do bairro do Catumbi

Sylton Vieira cardoso, morador da rua entre 1969 e 1995: "... ali passei boa parte da minha infância e adolescencia. Com relação ao rio (hoje coberto pela rua paralela (Queiroz Lima) é o Rio Papa-Couve!

Rua Carolina Reidner em 1929

Construção da igreja da Salette

O lançamento da pedra fundamental foi a 20 de janeiro de 1918 com missa cantada a céu aberto pelo Cardeal Joaquim Arcoverde.

Numa cavidade da pedra angular foi posta uma urna com a ata da cerimônia, jornais do dia do Rio de Janeiro, diversas moedas e a lista dos benfeitores. O Cardeal Arcoverde procedeu à benção e a deposição da pedra, segundo o ritual, servindo-se para tanto, de um martelo de prata 45

ACERVO DA IGREJA
IGREJA SALETTE (1921)
CONSTRUÇÃO DA IGREJA

Procissão do Corpo de Cristo em 1929

Vista da procissão do Corpo de Cristo na rua Catumbi em frente a Vila Idalinda (existente até hoje) em 1929. Ao fundo vê-se o bonde elétrico.

Desde 1870, as linhas de bonde de tração animal começam a circular pelo Catumbi. O bairro do Catumbi foi um dos primeiros a ter bonde na cidade do Rio.

Crédito: Acervo da Igreja de N. Sra. Da Salette

Rua Catumbi

PROCISSAO DO CORPO DE DEUS TENDO AO FUNDO CAPELA DE NOSSA SENHORA DA CONÇEIÇÃO E MORRO DA COROA (03-07-1922)

PROCISSAO DO CORPO DE DEUS TENDO AO FUNDO CAPELA DE NOSSA SENHORA DA CONÇEIÇÃO E MORRO DA COROA (03-07-1922)

Igreja da N. Sra. da Salette (1914)

Em 1914, no Catumbi foi iniciado pelos padres Saletinos o culto à Virgem Santíssima construindo a paróquia de Nossa Senhora da Salette.

No início, os padres ocuparam um casarão de cômodos e uma capela provisória, onde no local seria construída a igreja de Nossa Senhora da Salette a partir de 1918.
O projeto da igreja de estilo Neo-Gótico foi realizado pelo padre Clemente Moussier. Esta arquitetura possui aspecto imponente, em parte por estar ainda cercada de edifícios baixos, o que lhe dá grande relevo.

A igreja da Salette desempenhou um papel importante ao nortear e ajudar as pessoas ameaçadas pela desapropriação dos moradores do Catumbi iniciada em 1967.

Na figura do padre Mario Prigol, animava o povo a se organizar e resistir. Funda a primeira associação de moradores da cidade.

Com isto salva do bota-abaixo pelo menos 1/3 dos moradores e força o governo da Guanabara a suspender a desapropriação. Ao menos umas 300 famílias conseguiram novas residências no próprio bairro.

O bairro foi consagrado caso de estudo para alunos de arquitetura e urbanismo.

Vista imponente da igreja de Nossa Senhora da Salette tendo ao fundo o Sambódromo e à esquerda a extinta fábrica da Brahma.

Crédito das fotos: Flávio Bisanchet (04/12/04)

Selo comemorativo aos 150 anos de aparição de N. Sra. da Salette

Visita do Cardeal Dom Eugenio Sales na paróquia do Catumbi em comemoração a festa dos 150 anos da aparição de Nossa Senhora da Salette em 1996.

Educandário Nossa Senhora do Nazaré (1916)

28/11/2004. Matos – Entrada do colégio Educandário Nossa Senhora do Nazare

Translado dos restos mortais de Caxias

Translado dos restos mortais do Duque de Caxias do Cemitério do Catumbi ao Pantheon Nacional na Avenida Presidente Vargas em 1949. Vista da Rua Catumbi tendo ao fundo uma grande escolta militar e a igreja de Nossa Sra. da Salette.

Crédito: Antonio Carlos de Oliva Maya

Translado dos restos mortais do Duque de Caxias do Cemitério do Catumbi ao Pantheon Nacional na Avenida Presidente Vargas em 1949.

Vista da Rua Catumbi tendo ao fundo uma grande escolta militar e a igreja da Salette.

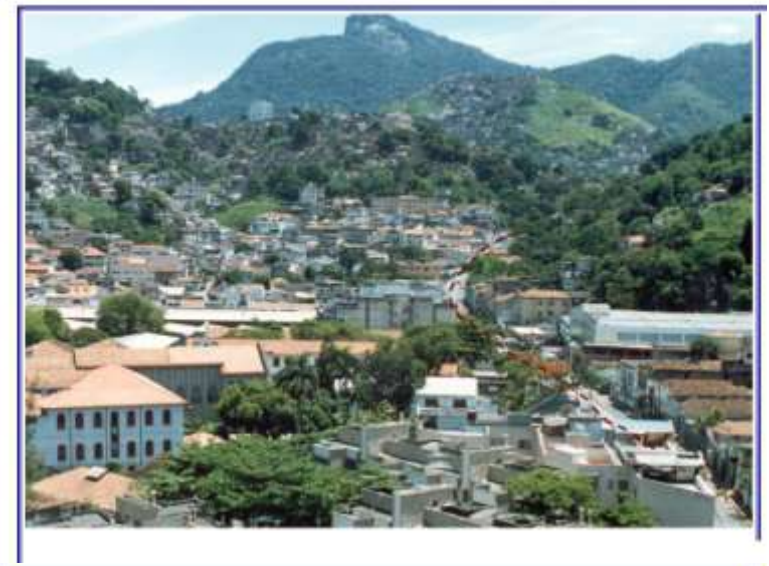
Crédito: Antonio Carlos de Oliva Maya

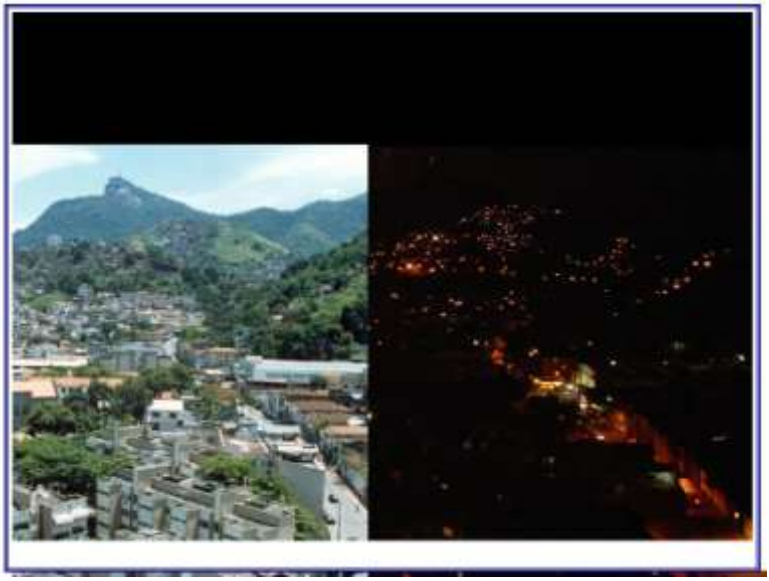
Rua Itapiru (1875)

Em 1875, a Estrada do Catumbi após a Guerra do Paraguai passou a ser chamada de rua Itapiru em homenagem a morte do Coronel Villagran Cabrita durante uma batalha na margem do rio Paraná onde se encontrava o forte de Itapiru. A mudança foi registrada na Câmara Municipal do Rio de Janeiro trocando o nome da Estrada do Catumbi para rua Itapiru comemorando o sucesso brasileiro na Guerra do Paraguai.

Parte do mapa da cidade do Rio em 1831

O Caminho do Catumby, passa a se chamar de rua Itapiru em 1875





Morro da Coroa

2005
Ao lado, vista da rua Itapiru em 1865. Ao fundo vê-se o morro do Corcovado (sem o Cristo Redentor) e à direita, ainda sem o gradil, o Cemitério do Catumbi.

2005
1865

Muro do Cemitério, dois momentos
1865
2005

1865

Supermercado Prezunic na rua Itapiru

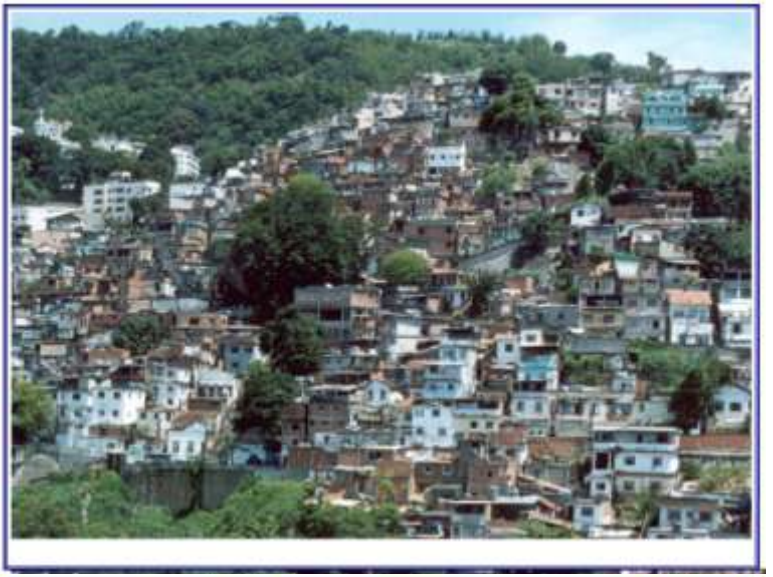
Educandário N. Sra. do Nazaré (1916)

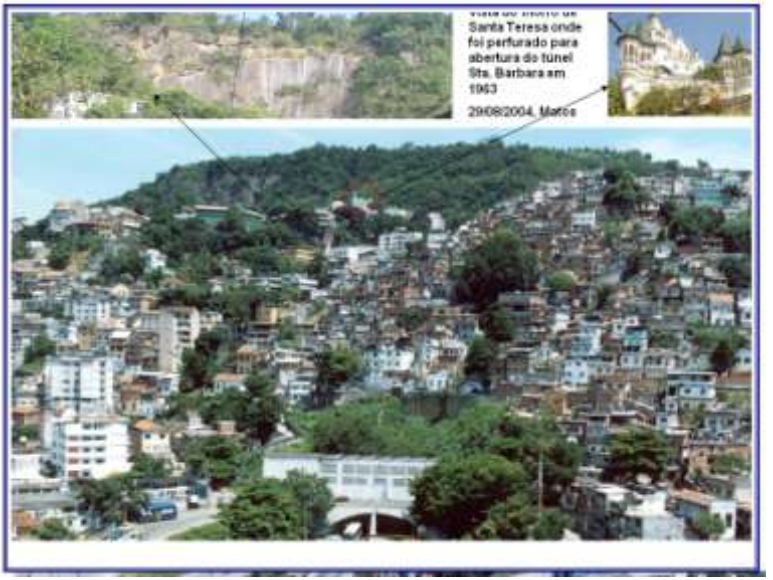
No ano de 1916 a Congregação das Pequenas Irmãs da Divina Providência funda uma casa na rua Dr. Agra onde funcionaria o orfanato Nossa Senhora de Nazaré passando a se denominar Educandário no final da década de cinqüenta (1958).

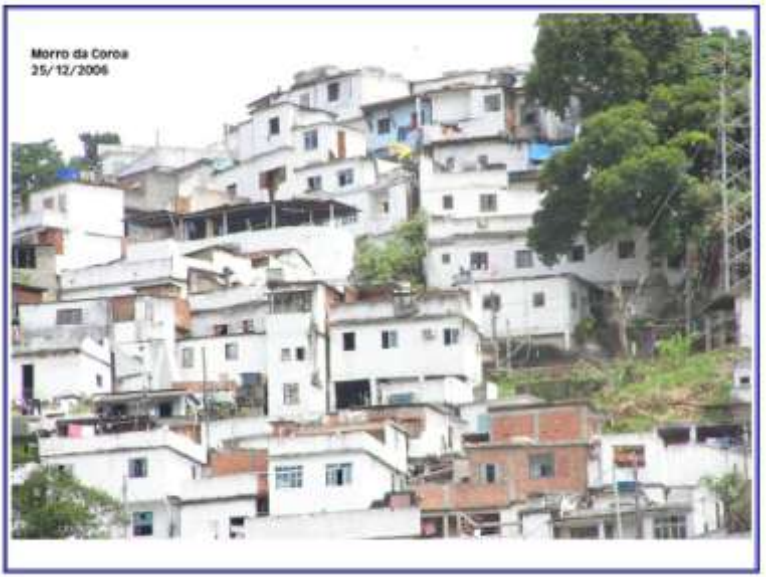
Morro da Coroa

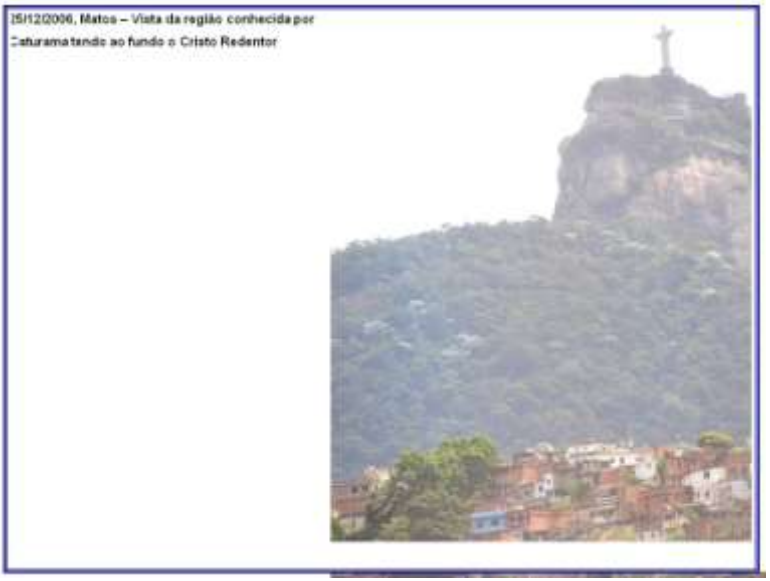
Localizado acima do túnel Santa, o nome do morro é uma referência a um antigo campo de futebol que existia na parte mais alta da comunidade ou como se dizia na "coroa" do morro. O campo, que não existe mais, foi construído em meados dos anos 30. Os mais antigos lembram que era comum marcar as partidas dizendo: "Vai ter futebol lá na coroa". O nome acabou pegando.

Outra versão do nome seria uma referência ao formato arredondado do morro na sua parte mais alta.




Santa Teresa onde
foi perfurado para
abertura do túnel
Sta. Barbara em
1963
29/08/2004, Matos


Morro da Coroa
25/12/2006



15/12/2006, Matos – Vista da região conhecida por
Caturama tendo ao fundo o Cristo Redentor

Sta Tereza
Coroa
Caturama
Paula Matos

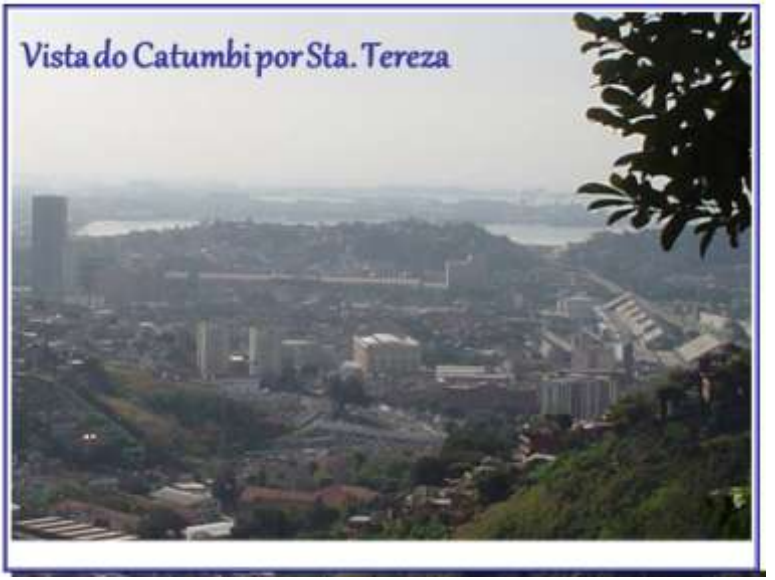
Aqueduto descoberto pela Prefeitura pode ser o do Catumbi e explicar a ocupação e expansão da cidade do Rio de Janeiro

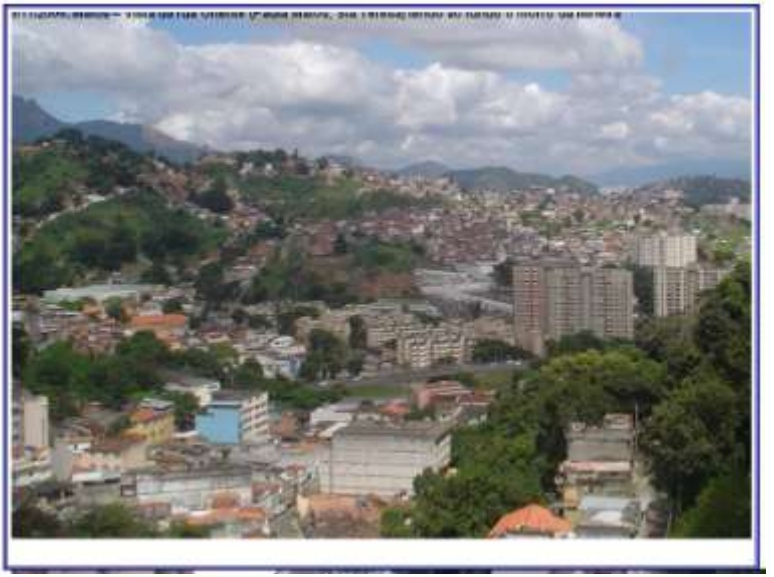
A Secretaria de Patrimônio Histórico-Cultural (Sedrepahc) descobriu, ao analisar antigos mapas da cidade, um sistema de abastecimento de água através de aquedutos que contorna os morros de Santa Teresa, Paula Matos e Rio Comprido, e que pode ter sido o primeiro a ser implantado na cidade. Parte desse aqueduto, com 40 m de comprimento, foi encontrado por técnicos da Prefeitura ainda preservado, durante visita a um dos locais indicados no mapa, que hoje é utilizado como chácara de plantas, sob torres de transmissão de energia. O achado feito a partir da planta – feita em 1875 pelos engenheiros Antônio José Fausto Garriga e Caetano Augusto Rodrigues – abre uma importante linha de pesquisa arqueológica sobre o processo de ocupação e expansão do Rio de Janeiro. Agora, a equipe da Secretaria estuda três possibilidades: a de que o aqueduto seria um ramal de distribuição de água construído a mando de D. João VI em 1809; parte de um projeto para drenar os manguezais e charcos da Cidade Nova, do Catumbi e do Rio Comprido; ou uma instalação feita em 1841 para abastecer a área da Chácara do Bispo (set/2008)

Aqueduto descoberto pela Prefeitura em 2008

Fábrica da Brahma no Catumbi

CERVEJA
BRAHMA
BRANCA


Vista do Catumbi por Sta. Tereza



Escola Estados Unidos

Uma das primeiras escolas públicas construídas do antigo Distrito Federal, o colégio municipal Estados Unidos foi erguido na rua Itapiru pelos engenheiros Nereu de Sampaio e Gabriel Fernandes em 1929.

O estilo neocolonial é bastante próximo da linha "Mission Style", com o emprego de formas hispânicas que teria caracterizado o estilo das missões espanholas da América. Atualmente, a escola é tombada pelo município.

Crédito: Flavio Bisanchet (04/12/2004)

Chaminé da Fabrica do açucar Brasil

A Refinaria Ramiro S.A. mais conhecida como a fábrica do açúcar Brasil funcionou na rua dos Coqueiros, no Catumbi, até a desapropriação em 1967.

Hoje, somente a chaminé da fábrica resiste ao tempo e pode ser vista do largo do Catumbi, uns 200 metros na saída do túnel Santa Bárbara.

Crédito: Flavio Bisanchet (04/12/2004)

Chaminé da antiga fabrica Açúcar Brasil no Catumbi.

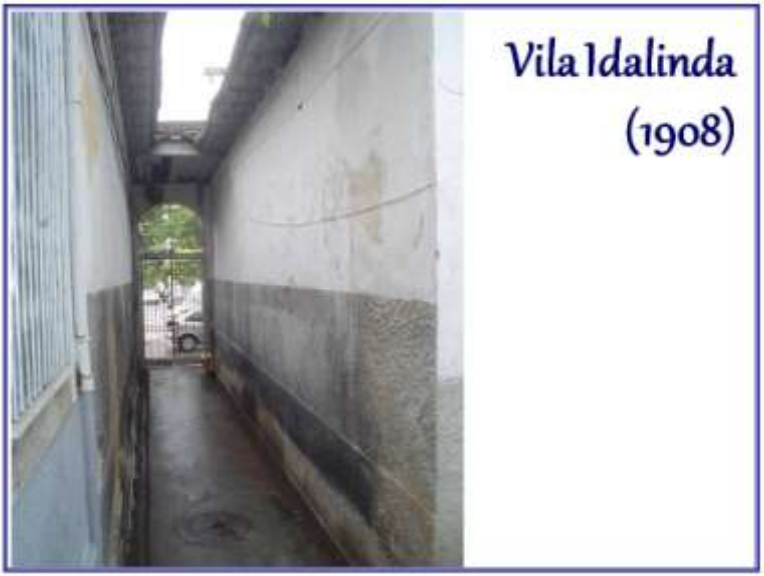
Chaminé da antiga fábrica Açúcar Brasil no Catumbi.

Chaminé da antiga fábrica Açúcar Brasil no Catumbi (vista da cobertura do prédio Monteiro Lobato (15 andares)

Chaminé da antiga fábrica Açúcar Brasil no Catumbi.

Vila Idalinda (1908)

Vila Idalina



Vila Idalinda no largo do Catumbi.

Interior da Vila Idalina

Interior da vila Idalinda no largo do Catumbi

Morro da Coroa no Catumbi

Colégio Educandário Nossa Senhora do Nazaré no Catumbi.

Viaduto de acesso ao tunel Santa Bárbara. Ao fundo o morro Paula Matos, Santa Tereza.

Viaduto de acesso ao túnel Santa Bárbara. Ao fundo os morros da Coroa e Santa Tereza.

Viaduto de acesso ao túnel Santa Bárbara. Ao fundo o morro Paula Matos, Santa Tereza.

Bar Mulambo

Tradição no bairro há cerca de 60 anos, o bar Mulambo, mais conhecido pelo bodinho que expõe na frente do boteco na rua Catumbi, atravessa gerações numa época de grandes blocos carnavalescos.

Conjunto do Ferro de Engomar (1971)

O atual conjunto habitacional composto por 18 prédios localizado na confluência das ruas Itapiru, Coqueiro e Dr.Agra, visto do alto mostra um desenho no formato de um ferro de passar roupas ou ferro de engomar.

Esta região, assim conhecida no passado, era formada por 98 casas que foram derrubadas na desapropriação de 1967.Foi a primeira região do Catumbi a ser destruída para a construção dos prédios.

Conjunto do Ferro de Engomar (1972)

Praça do conjunto Ferro de Engomar

Pista de acesso ao tunel Santa Barbara e rua Itapiru no Catumbi

Prédio Monteiro Lobato na rua Itapiru no Catumbi

Portaria do prédio Monteiro Lobato

41341

Viaduto - saída do túnel Santa Bárbara - Catumbi

Rua Itapiru e muro lateral do Cemitério do Catumbi. A árvore mais ao fundo foi derrubada em 2008, era a maior do bairro

Rua do conjunto Ferro de Engomar

Uma das 3 praças do conjunto Ferro de Engomar. Um dos lugares mais aprazíveis do bairro do Catumbi.

Rua Dr. Agra

O mapa de 1904 mostra pela primeira vez o nome da rua Dr. Agra, ainda sem ligação com a rua Itapiru.

Rua Dr. Agra no carnaval de 1952. As casas são do lado par, números 74, 76 e o muro da casa 80 (a primeira a ser demolida anos mais tarde). Ao fundo, o prédio 104, o único não demolido e o cruzamento com a rua Itapiru.

Luiz Carlos (sobrinho do autor do livro Catumbi um crime contra a cidade) a direita do outro lado da rua, a tamareira e o prédio 104 na rua Dr. Agra. (1943)

Bar do Mulambo

Bonde do bar Mulambo na rua Catumbi.

Rua Catumbi

Rua Padre Miguelinho

Rua Padre Miguelinho

Rua Padre Miguelinho tendo ao fundo o cemitério do Catumbi e o morro da Mineira.

Rua Catumbi

Biblioteca do Catumbi

Rua Catumbi

Biblioteca do Catumbi (1988)

Numas das casas mais antigas do bairro, em estilo colonial, funciona há 17 anos a biblioteca comunitária do Catumbi. Desde 1988, ligada diretamente à associação de moradores do bairro a entidade não tem fins lucrativos.

BIBLIOTECA
COMUNITARIA
DO CATUMBI
APOIO
ASSEMBLEIA DO CATUMBI

Biblioteca do Catumbi

Biblioteca do Catumbi

Túnel Frei Caneca

Via alternativa de acesso para chegar ao centro da cidade, o túnel Frei Caneca, paralelo a avenida Presidente Vargas, facilitou a ligação com os bairros da Tijuca, Rio Comprido e Catumbi. O túnel Frei Caneca foi considerado o primeiro túnel perfurado em terra e não em granito no Rio de Janeiro. Parecerá a muitos algo favorável. Não se previra tal situação, demandando técnicas especiais de escoramento da terra e drenagem de água que brotava em abundância de dentro do morro. Com isto o tempo da construção demorou mais do que previsto tendo iniciado a obra em 1969.

Abertura do túnel Frei Caneca (aprox 1969) - Catumbi

"Quando a rua vira casa"

Em 1981, outra literatura foi escrita sobre a desapropriação das casas do Catumbi. "Quando a rua vira casa", de Vogel e Santos fala sobre a apropriação de espaços de uso coletivo no bairro.59 Trata-se de um estudo de antropologia urbana, desenvolvido pelo IBAM, onde mostra um exemplo clássico de renovação urbana. Este assunto é muito procurado por estudantes de arquitetura e urbanismo da Universidade Santa Úrsula.

Freguesia do Espírito Santo

Até 1914 o bairro do Catumbi pertenceu à freguesia do Divino Espírito Santo, criada em 1865 por D. Pedro II. Essa freguesia abrangia desde a Cidade Nova ao Rio Comprido sendo formada pelo desmembramento de terrenos de várias outras freguesias.

Freguesia do Espírito Santo

Garagem da Comlurb (1984)

A instalação repentina da garagem da Comlurb para o bairro, como atesta o jornal "O Catumbi" em novembro de 1984, contrariou um plano na construção de um conjunto de prédios e uma escola que teria sido aprovado pelo Governo.

Para compensar o espaço utilizado para a construção da Passarela do Samba na rua Marquês de Sapucaí e as inúmeras desapropriações, ocorridas desde 1967 no bairro, foi prometido o terreno utilizado pela Comlurb como termo de compromisso do Governador Leonel Brizola. Isto jamais aconteceu!

A garagem da Comlurb, que veio do bairro das Laranjeiras para o Catumbi em 1984 contrariou a população mais uma vez.

Vista atual da garagem da Comlurb durante o desfile de Carnaval de 2006.

Vizinho incômodo no Catumbi

Moradores preparam um abaixo-assinado para pedir à prefeitura a remoção da garagem da Comlurb

TIJUCA - O GLOBO
30 DE MARÇO DE 2006

Presídio da Frei Caneca

Complexo Penitenciário Frei Caneca é implodido

Rio - O Complexo Penitenciário Frei Caneca, no bairro do Estácio, foi implodido por volta das 12h20 deste sábado. A detonação foi feita pelo governador Sérgio Cabral. Após ter sido fechada para a implosão do presídio, a Rua Frei Caneca já está liberada ao trânsito na altura do Largo do Estácio, segundo informações da CET-Rio. Na implosão do presídio foram utilizados 500 kg de explosivos, distribuídos nos oito prédios do complexo.

O presídio dará lugar a um conjunto habitacional do programa federal "Minha casa, Minha Vida". Serão construídos 2.500 apartamentos a partir do segundo semestre para famílias quem moram em áreas de risco no Morro São Carlos. A ideia é construir apartamentos populares na área. Cerca de 70 presos que continuavam no local foram transferidos para o Complexo Penitenciário de Gerimbó, em Bangu.

Mar-2010 – Implosão do presídio da Frei Caneca

Mar-2010 – Implosão do presídio da Frei Caneca

Clique para ampliar

reaproveitado na produção de massa asfáltica. Na área, de mais de 60 mil metros quadrados, será construído um condomínio popular do programa "Minha Casa, Minha Vida", da Caixa Econômica Federal (CEF), para moradores do Morro de São Carlos. Segundo o secretário estadual de Habitação, Leonardo Picciani, deverão ser construídas até cerca de mil unidades habitacionais para reduzir a densidade populacional naquele morro. Os prédios terão cinco pavimentos, adaptados para deficientes, e áreas de lazer. O estado cederá a área e cadastrará os moradores, dando prioridade aos que estão em áreas de risco. A execução do projeto ficará a cargo da CEF, através do Fundo de Arrendamento Residencial.

Atualmente, a Secretaria de Administração Penitenciária mantém cerca de 280 pessoas entre funcionários e presos no complexo. O único bloco que não tem previsão de ser demolido é o do Hospital Psiquiátrico Heitor Carrilho. Até o fim desta semana, deverá ser feita uma reunião entre as secretarias de Segurança, Administração Penitenciária, Habitação e da Casa Civil para definir os últimos detalhes da transição.

A demolição do Frei Caneca começou em 2006, durante a gestão de Rosinha Garotinho, com os prédios administrativos das penitenciárias Hélio Gomes e Lemos Brito e da Casa de Custódia Romeiro Neto. Desde então, o projeto estava parado. Em agosto de 2008, Sérgio Cabral disse que a intenção era vender o terreno para um projeto imobiliário para arrecadar recursos. Sua assessoria informou nesta segunda-feira que "o governador desistiu da idéia de fazer dinheiro com esse terreno. Prefere usá-lo para subsidiar casas populares a preços acessíveis".

Construído em 1850, o Frei Caneca foi o primeiro presídio do Brasil. A desativação foi uma longa novela. Em 1918, o ministro da Justiça, Esmeraldino Bandeira, já defendia a retirada do presídio. Em 1981, no governo Chagas Freitas, o secretário de Justiça, Marcos Henri Netto, anunciou estudos para desativar o complexo. O tema voltou à ordem do dia na gestão de Leonel Brizola. Em 2003, o então prefeito Cesar Maia assinou um convênio com o estado para a construção de um conjunto residencial no terreno. O convênio foi cancelado.

Sambódromo

A construção da Passarela do Samba - Avenida dos desfiles Professor Darcy Ribeiro, na rua Marquês de Sapucaí, em 1985, projetada por Oscar Niemeyer, substituiu o tradicional monta-desmonta das arquibancadas de ferro que eram colocadas algumas semanas antes do carnaval.

Vista do Sambódromo.

Em 1965, o Governador do Estado da Guanabara Carlos Lacerda subiu no morro da Coroa para inaugurar uma grande caixa d'agua para comunidade pobre. (em frente a rua Queiroz Lima)

Crédito: Hamilton Guerra

Credito: Hamilton Guerra
Lacerda na inauguração de uma caixa d'agua no morro do Catumbi em 1965 (em frente a rua Queiroz Lima)

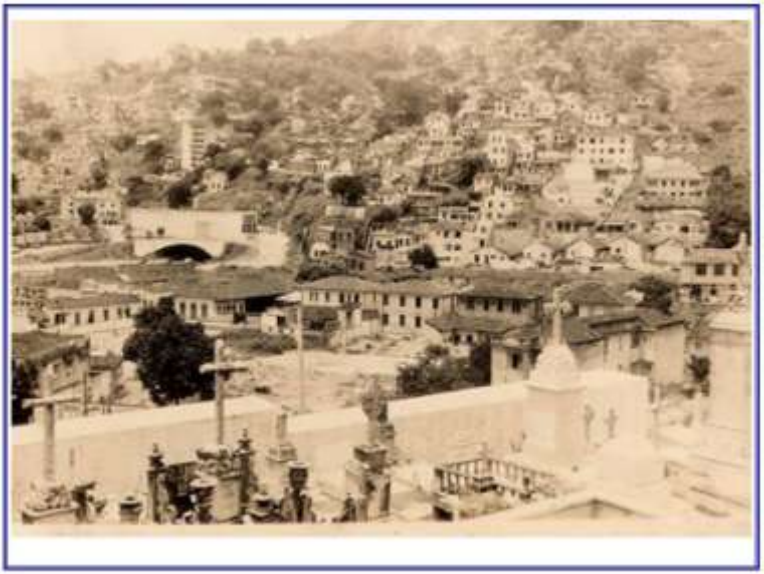
Lacerdana inauguração de uma caixa d'aguano morro do Catumbi em 1965

No primeiro plano vê-se as casas da rua Dr Agra e o tunel Santa Barbara à esquerda.

Vista do Catumbi tendo ao fundo a avenida Marques de Sapucai sem o Sambódromo.

CARLOS LACERDA, GOVERNADOR DA GUANABARA DURANTE A VISITA DA GALERIA NA RUA CATUMBI EM 1965

ANTIGA ÁREA CONHECIDA COMO FERRO DE ENGOMAR LOCALIZADO NA CONFLUÊNCIA DAS RUAS ITAPIRU,



Rua Itapiru logo após as demolições (final da década de 60)

Jogo de Bilriba – Vila São Geraldo tendo o morro da Coroa ao fundo– Foto de Paulo Luchette (1950)

Desapropriação do Catumbi (1967-79)

Abaixo, dois momentos críticos: um dos padres da comunidade negociando com o Prefeito Negrão de Lima o fim desapropriação, no outro a comunidade do Catumbi em frente a Câmara dos deputados manifestando seus direitos.

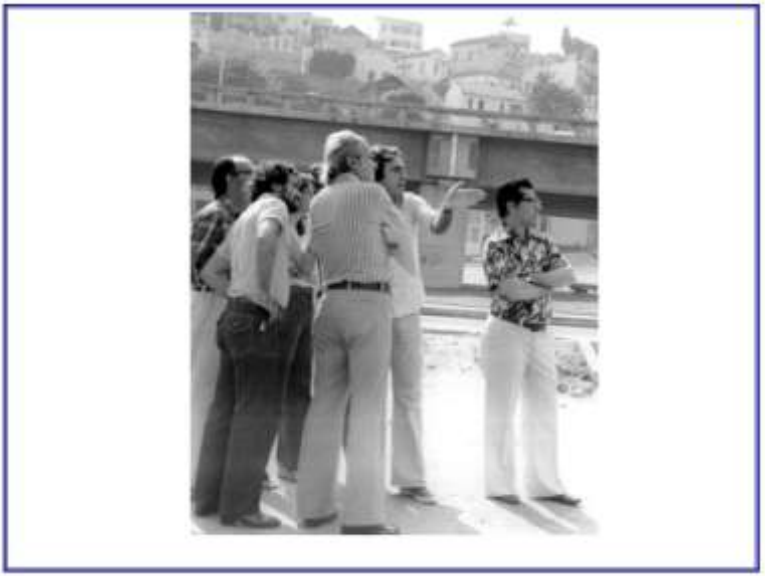
O Prefeito Negrão de Lima (1965-70) teria um plano pra acabar com todo o Catumbi, apesar do discurso de que ninguém sairia de suas casas por violência o que não aconteceu por completo.

Acima, dois momentos criticos: um dos padres da comunidade negociando com o Prefeito Negrão de Lima o fim desapropriação, no outro a comunidade do Catumbi em frente a Câmara dos deputados manifestando seus direitos.

Com a desapropriação de 1967 algumas ruas desapareceram por completo para dar lugar ás vias de acesso ao túnel Santa Bárbara. As fotos abaixo ilustram dois momentos da rua dos Coqueiros: 1929 e 2004. A única referência existente é o morro visto ao fundo, atual morro da coroa, ocupado por casas simples.

Cataldo e Padre Mario (no centro)

Rua Emilia Guimarães



Rua Catumbi em dia de chuva

FOTO

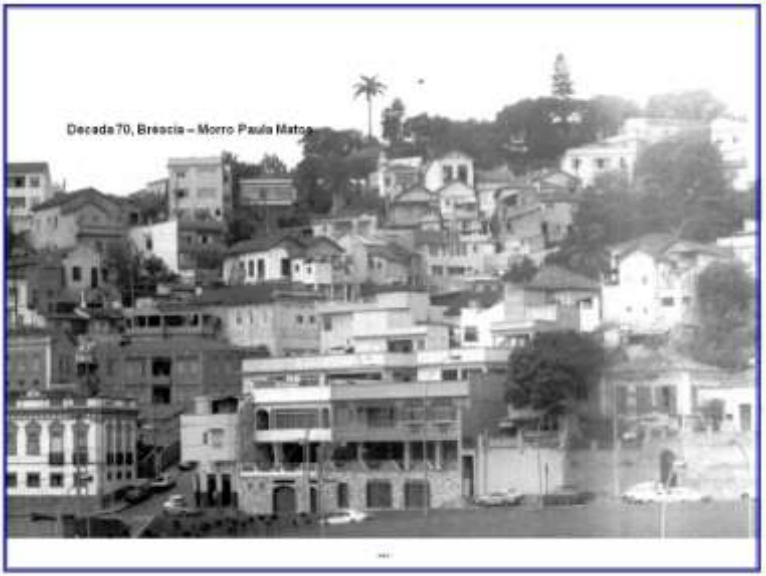
Chico, autor do site do Catumbi

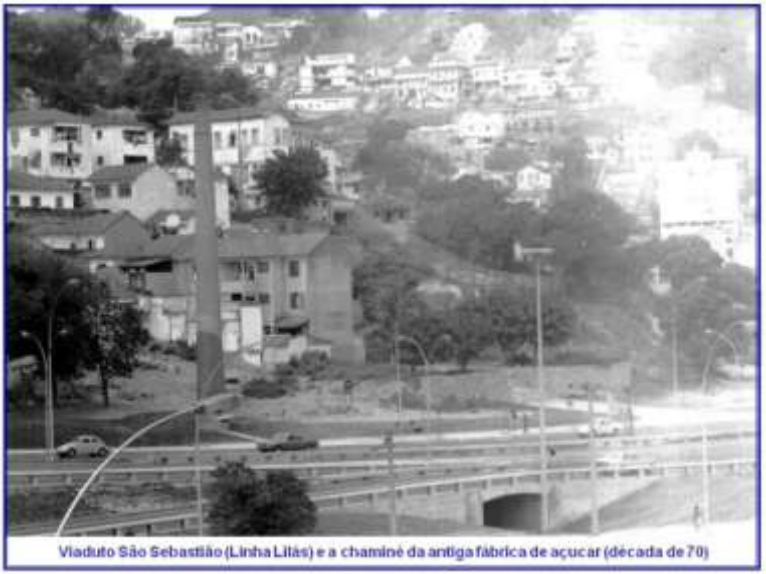
A arborização do Catumbi (1979)

Em 1979, o Educandário Nossa Senhora de Nazaré junto com a escola São Miguel ajudaram arborizar o bairro plantando 45 mudas de arvores pelos alunos na rua Doutor Lagden, durante a semana da árvore.

Crédito: Bréscia

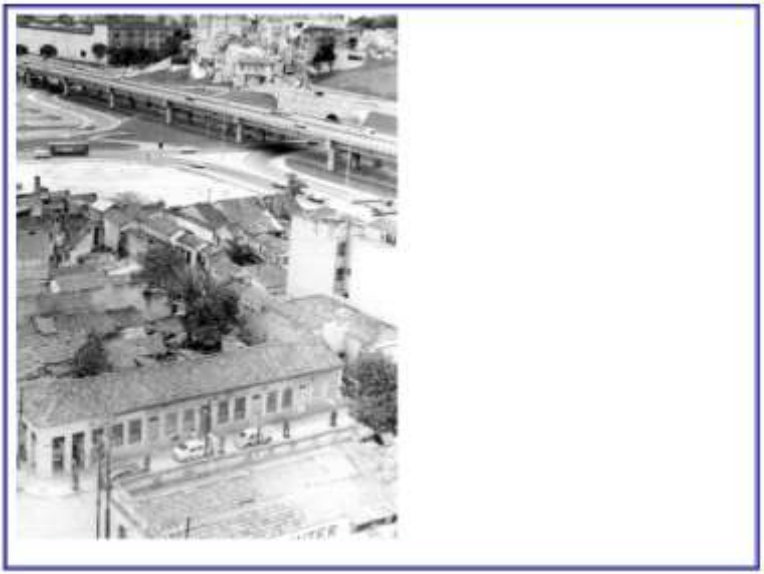
Arborização feita por alunos dos colégios Nazaré e São Miguel no catumbi em 1979





Viaduto São Sebastião (Linha Lilás) e a chaminé da antiga fábrica de açucar (década de 70)

Montagem das arquibancadas de ferro para o desfile de carnaval do Rio na década de 70 (Bréscia)



Agradecimentos

Milton Teixeira
Historiador

Fernando Magalhães
Padre Mario Prigol
Revisores

Ana Lúcia Santos Villar – RIOTUR
Ângela Martins – UFRJ
Carlos Eduardo Barata – Historiador
George Irmes – Presidente da SINDETUR
Mauro Rubinstein – Presidente da SINDEGTUR
Comissão Julgadora da Coleção Patrimônio Turístico

Antonia Morais De Oliva Maya (Toty)
Antonio Carlos De Oliva Maya
Antonio Carlos Galvão
Danielle Bisanchet
Ernani Rolla
Flavio Bisanchet
Francisco de Assis Rodrigues Lima
Irmã Ivone Espindola
Irmã Lia Maurão
Italo Brescia (in memória, 1999)
Jose Augusto
Miriam Murthy
Paula Matos
Simone Amaral de Aguiar
Tito Rosemberg
Zaide (IBAM)
Colaboradores

Maria Conceição da Costa Matos
Nerêo Cardoso de Matos
Nereu Antonio Costa Matos
Meus pais e irmão

Bibliografia

ALONSO, Dr Annibal Martins – Resumo histórico e ilustrado da instituição e suas fundações elaborado pelo Irmão Secretário da Mesa Administrativa – Venerável Ordem Terceira dos Mínimos de São Francisco de Paula – Bispo da Diocese do Rio de Janeiro, 1966

ARAUJO, Hiram, Carnaval seis milênios de história – Rio de Janeiro Editora Gryphus, 2000

BARATA, Carlos Eduardo e BUENO, Cunha, Dicionário das famílias brasileiras.

BARREIROS, Eduardo Canabrava, Atlas da evolução urbana da cidade do Rio de Janeiro – 1565 a 1965

BRANDÃO, Blanca Peixoto & SANTOS, Mariana Correa - Os ciganos do Catumbi: aspectos de um conflito no meio urbano, UFRJ

CARVALHO, Affonso de –Ed. Livraria José Olympio, 3ª edição - 1942

CAVALCANTI, Nireu Oliveira, Rio de Janeiro Centro Histórico 1808-1900 – Marcos da Colônia, 1998

CORRÊA, Magalhães – Terra Carioca – Fontes e Chafarizes – Coleção Memória do Rio 4 – Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1935

CRULS, Gastão – Aparência do Rio de Janeiro, foto da casa de Jean Baptiste Debret, vol. 1, Livraria José Olympio, 1965.

FASSINI, Padre Atico, Crônicas de uma missão – 100 anos de presença saletina no Brasil, grafica e editora Berthier, 2001

FERNANDES, Millor, Rua tal, quadra por si assim, no. 100, andar 1.000, apartamento milhão, não sei onde - Revista VEJA 5 de maio de 1982.

FILHO, Adolfo Morales de Los Rios – O Rio de Janeiro Imperial, Editora A Noite, 1946

FLEIUSS, Max – História da Cidade do Rio de Janeiro, Resumo Didactico – DF - Instituto Histórico Brasileiro

FRIDMAN, Fania – Donos do Rio em Nome do Rei: uma história fundiária da cidade do Rio de Janeiro, 2ª edição, Jorge Zahar Editor, 1999

GERSON, Brasil – História das Ruas do Rio, 5ª edição remodelada e definitiva, Lacerda & Editores, 2000

INSITUTO PEREIRA PASSOS. Coleção estudos da cidade, nota técnica número 5, região centro, 2003

LAGO, Bia Corrêa do. Augusto Stahl, Coleções viciões do Brasil – Ed. Capivara, 2001

LAMARÃO, Sergio - Navegando pela História, CD-ROM - Dos Trapiches ao Porto: um estudo sobre a área portuária do Rio de Janeiro, Biblioteca Carioca, 1991

NORONHA SANTOS, As Freguesias do Rio Antigo, Edições O Cruzeiro

NUNES, Clarice. Cultura escolar, modernidade pedagógica e política educacional no espaço urbano carioca. Missionários do progresso: médicos, engenheiros e educadores no RJ-1870/1937. 10ª Ed. Rio de Janeiro: Diadorim, 1996

NUNES, Guida, Catumbi, rebelião de um povo traído: um caso de especulação imobiliaria – Editora Vozes, 1978

PRIGOL, Mario – Mario Prigol Educador da Fé entre os Trabalhadores e Militantes Populares, Impressão Ed Vozes, 2003

Revista Nossa História, uma publicação editada pela Biblioteca Nacional numero 3 – ano 1

RODRIGUES, Claudia - Lugares dos mortos na cidade dos vivos, tradições e transformações funebres no Rio de Janeiro, 1995 - Prêmio carioca de monografia, 1995

SANTOS, Carlos Nelson Ferreira e VOGEL, Arno - Quando a rua vira casa, Instituto Brasileiro de Administração Municipal, 1981

STRAUMANN, Patrick – Rio de Janeiro, Cidade Mestiça; Nascimento da Imagem de uma Nação, ed. Companhia das Letras, 200

Copyright © 2005, Mauro Matos

Todos os direitos reservados

Projeto gráfico e diagramação: Mauro Matos

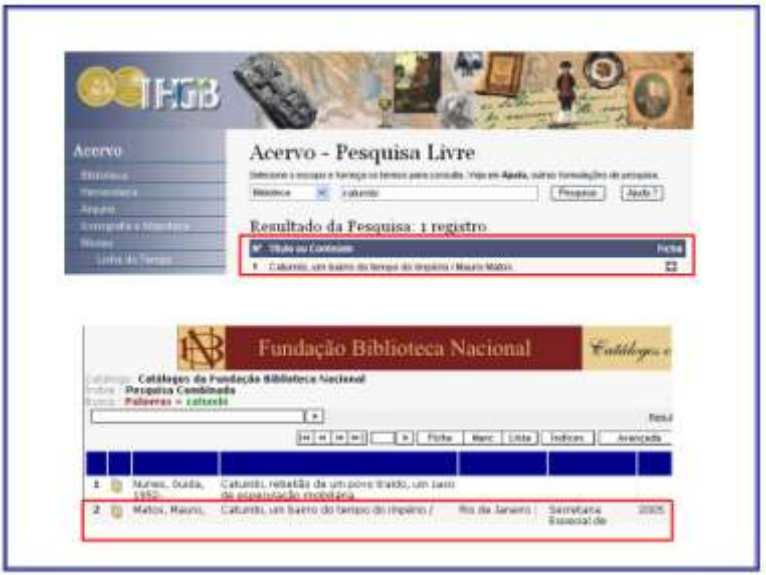
Prefácio: Milton Teixeira

Capa: Flavio Bisanchet

Revisão: Fernando Magalhães e Pe Mario Prigol

Foto da capa: Augusto Stahl, 1865

Venda Proibida


Acervo
Acervo - Pesquisa Livre
Resultado da Pesquisa: 1 registro
Fundação Biblioteca Nacional

ORDEM E PROGRESSO

Lançamento do livro "Catumbi, um bairro do tempo do Império"
MANGUE SECO
BAR, RESTAURANTE
E CACHAÇARIA

Este arquivo pode ser encontrado no site:
http://www.4shared.com/
4 FREE FILE SHARING
Mauro Matos
mauroacm@gmail.com
Leia também Catumbi, um crime contra a cidade de Paulo Cesar Ferreira Lucchetti, 2009
Atualizado em 14-Jul-2009